

outubro de 2025 - número 46

bulunga

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ



entrevista com um

CRISTÃO

EDITORIAL

O 3i/Atlas passou perto. Ah, tá bom, não foi assim tão perto, mas entrou em nosso Sistema Solar, o que já é preocupante, pois, se colidisse com este mísero planeta, não sobraria nada. E os astrônomos ficariam com cara de paspalhos.

Ninguém ainda sabe ao certo que bicho ele é, mas acho que já descartaram a possibilidade de ser uma espaçonave ou uma sonda alienígena. Ainda assim, os oportunistas de plantão permanecem fazendo suas postagens sensacionalistas nas Redes Sociais, para ganharem visualizações.

Enquanto isso, neste nosso país, a coisa vai de mal a pior, mas prometi para o meu coeditor que não iria mais falar sobre política neste editorial, pois a corrupção tomou conta de tudo e nós estamos peremptoriamente ferrados. Melhor seria se o 3i/Atlas colidisse com a Terra e, de preferência, caísse lá em Brasília.

entrevista com um CRISTÃO

Ele é uma pessoa como outra qualquer, mas tem sido alvo de militantes da ala progressista, por causa de seus pensamentos considerados "conservadores", ao defender valores como Deus, família, filhos, trabalho, pátria e propriedade, exatamente o que esses grupos mais repudiam, o que tem rendido a ele ataques de "haters" nas redes sociais, além de agressões nas ruas, considerando que ainda mantém o perigoso hábito de sair vestido de homem, situação que passou a ser vista como um atentado contra a diversidade, pois esses pervertidos pretendem impor um estilo andrógino à sociedade.

Tivemos que marcar esse encontro em um local discreto, e pedi para ele ocultar a sua

Bíblia durante a entrevista, ou poderiam alegar que estávamos realizando um culto em local público, o que, provavelmente, nos renderia uma severa punição, visto que a perseguição aos cristãos, nos dias de hoje, é fato incontestável.

Só posso dizer que, ao final da entrevista, eu já não era a mesma pessoa, e espero que possa alterar no leitor alguma coisa no seu modo de pensar a respeito de fenômenos que fogem à racionalidade.

BULUNGA – Eu não vou lhe perguntar qual a sua religião, pois bem sei que, basicamente, você é cristão, mas existem centenas de denominações cristãs que não se cheiram, e aí poderia dar briga.

CRISTÃO – Você está certo: a minha religião é a cristã. Sou seguidor de Jesus Cristo.

BULUNGA – Afinal, todos são...

CRISTÃO – Está redondamente enganado. Exis-

tem milhares de religiões no mundo que são politeístas, ou seja, que acreditam em vários deuses, milhares deles; outras, que seguem homens virtuosos, mas não a Deus; e existem ainda as que até creem em Deus, mas pensam que Jesus Cristo é apenas um profeta como outro qualquer.

BULUNGA – É muito maluquice esse negócio...

CRISTÃO - Entre as religiões cristãs, muitos são seguidores de seus doutrinadores preferidos. Tem gente que segue Pedro, Lutero, Calvino, Arminio, Smith, White, entre outros, e brigam pelas teorias que eles defendiam. São DENOMINAÇÕES RELIGIOSAS, e às vezes entram em conflito sobre determinados pontos.

BULUNGA – Mas eles não defendem a mesma coisa, que é a Bíblia?

CRISTÃO – Não necessariamente. Veja o exemplo

dos Dez Mandamentos: nem todos os seguem na íntegra, sendo que determinadas denominações religiosas suprimem alguns de seus tópicos ou alteram o seu conteúdo. Vocês até comentaram sobre isso em sua edição anterior, que eu li.

BULUNGA – Você, certamente, foi o único. Bulunga é "a revista que ninguém lê".

CRISTÃO – Ah, também não é assim...

BULUNGA – Verdade! Mas estamos pouco nos importando com isso. É o nosso hobby.

CRISTÃO – Cada louco com suas manias... mas vamos nos lembrar que Jesus alertou que nem um "i" ou um "til" haveria de ser alterado da Lei, até que se cumpra.

BULUNGA – Cumprir o quê?

CRISTÃO – A Lei...

BULUNGA - Mas agora não é só a Graça? Não basta dizer "eu aceito" que isso limpa toda a ficha pregressa do sujeito? Além disso, com a morte de Jesus não se cumpriu a profecia? Ele mesmo disse: "está consumado".

CRISTÃO - A ETAPA estava consumada. Mas não acabou.

BULUNGA - Não?

CRISTÃO - Haverá outra: Ele voltará.

BULUNGA - Mas já não voltou?

CRISTÃO - Voltou para avisar que havia ressuscitado. Isso já estava escrito no Antigo Testamento. E também estava escrito que Ele voltará, definitivamente, trazendo consigo o seu reino.

BULUNGA - Só um aparte aqui: por quê que vocês,

cristãos, sempre colocam maiúscula na frente ou no meio das palavras, quando se referem a Deus ou a Jesus?

CRISTÃO – E também ao Espírito Santo: é sinal de respeito. A falta de respeito com a Trindade é o que faz com que as pessoas se percam.

BULUNGA – Trindade? Já havia ouvido falar em Deus e Jesus, mas Espírito Santo, para mim, era o Estado que tem a praia de Guarapari, onde vou uma vez ao ano.

CRISTÃO – Não o recrimino. Algumas igrejas mal falam de Deus ou de Jesus. Transmitem suas mensagens por meio de cartilhas de autoajuda, elaborada por seus "coachs". Mas ainda é tempo de você saber que o Espírito Santo é o Consolador, que está presente em nossas vidas, nos conscientizando de nossas falhas e dobrando os nossos joelhos, até a volta de Jesus.

BULUNGA – Tudo bem... mas retomando o nosso

assunto anterior, já se passaram 2000 anos desde a sua morte e ressurreição: não é muito tempo?

CRISTÃO – O que são 2000 anos para Deus?

BULUNGA – Então vamos ter que esperar mais?

CRISTÃO – Pode ser que sim, pode ser que não. Pelo andar das carruagens, o fim está próximo.

BULUNGA – Os religiosos sempre dizem isso quando acontece uma grande catástrofe, em períodos de guerras ou pandemias.

CRISTÃO – Desta vez, os sinais estão mais evidentes. Além das guerras e dos rumores de guerras, dos cataclismos e outros males, que já se repetiram um montão de vezes, há uma nova e inegável evidência: a polarização. Em uma guerra, normalmente, o povo de uma nação se une para combater a outra. Nos tempos atuais, estão ocorrendo conflitos internos, e não há união: ao

contrário, está ocorrendo uma verdadeira "implosão", inclusive, no seio das famílias. Isto é inédito. E também está para surgir o grande "pacificador", que proporcionará um breve período de paz mundial. Será o prenúncio do fim.

BULUNGA – Bela exposição, mas não posso opinar sobre o que não entendo. Você, como um cristão, se acha melhor do que um ateu?

CRISTÃO – De forma alguma: somos todos miseráveis.

BULUNGA – Não sei se posso concordar com isso.

CRISTÃO – Você está seguro sobre sua atual condição no planeta? Você tem algum poder? É capaz de prever o futuro? Consegue fazer nascer um só fio de cabelo nessa sua cabeça careca? Sabe se estará vivo ao final desta tarde?

BULUNGA – Está me rogando uma praga?

CRISTÃO – Hoje você está bem, amanhã pode estar mal. Hoje está rico, amanhã pode estar pobre. Hoje está saudável, amanhã pode estar doente. Ou o contrário. Nada é definitivo.

BULUNGA – Já que é assim, de que adianta pedir a proteção de Deus?

CRISTÃO – Está escrito que o que pedirmos a Ele, nos concederá.

BULUNGA – Se eu pedir para ficar milionário, o meu desejo será atendido?

CRISTÃO – Sim. Só não saberemos se seria esse o propósito para a sua vida. Você pode ter outra missão que não essa.

BULUNGA – Mas digamos que a minha missão seja ficar milionário...

CRISTÃO – Se isso acontecer, e se você se perder

em ganância, arrogância e soberba, servirá de exemplo para que as outras pessoas não o imitem. Mas se você se tornar um milionário e continuar sendo uma pessoa boa, solidária, generosa, fiel, que crê em Deus e segue os seus mandamentos, também será um exemplo. Um bom exemplo.

BULUNGA – Sempre seremos uma "vitrine" para os que nos observam?

CRISTÃO – Acertou em cheio. Mesmo que não seja cristão, você tem uma missão. Judas, que entregou Jesus aos soldados, tinha a sua missão. A sua missão pode ser errar em tudo, ser uma pessoa horrível, para que outros vejam, reflitam e não repitam os seus erros; mas se acaso se tornar cristão, se mudar o rumo de sua vida, se pedir perdão dos seus pecados, o seu bom exemplo influenciará as pessoas. E isso independe de ser milionário ou não.

BULUNGA – Ou seja, ser "bonzinho" é a meta de todo cristão...

CRISTÃO – Ser bom, generoso, justo, honesto...
Mas nem todos conseguem.

BULUNGA – Era isso o que eu queria falar: esses
seriam "falsos cristãos"?

CRISTÃO – Não podemos julgar. As igrejas estão
repletas de pecadores. Cada um tem as suas
verdades, ou mentiras, e os seus pecados podem
produzir remorso... ou arrependimento.

BULUNGA – Remorso e arrependimento não são a
mesma coisa?

CRISTÃO – Com o remorso, você fica com um
permanente sentimento de culpa, praticando a
autopunição; já com o arrependimento você se
sente aliviado, pois poderá obter o perdão.

BULUNGA – E se as pessoas não perdoarem?

CRISTÃO – Pouco importa o perdão das pessoas.

Pode até parecer confortável, mas o que interessa é o perdão de Deus.

BULUNGA – E como você sabe que Deus perdoou?

CRISTÃO – Você SENTE. Só posso dizer isso: é indescritível. Você se sente feliz como nunca, aliviado, cheio de esperança. A angústia vai embora. Não há mais tristeza. Você passa a respirar melhor. A dormir melhor.

BULUNGA – E quem não for perdoado vai para o inferno?

CRISTÃO – Quem não for perdoado irá para um lugar onde de nada adiantará ter um ar-condicionado, um ventilador ou uma máquina de gelo. Mas se o cara se arrepender, mesmo que aconteça aos 45 minutos do segundo tempo, poderá ser salvo. Veja o exemplo do ladrão que estava na cruz, ao lado de Jesus. Ele foi salvo, porque ACREDITOU em Jesus e se arrependeu,

com sinceridade.

BULUNGA – Então é só acreditar e se arrepender que será salvo?

CRISTÃO – Quem se arrepender dos seus pecados, nascer de novo e acreditar que Jesus é o nosso único salvador será SALVO.

BULUNGA – E o que é ser salvo?

CRISTÃO – É ir para o céu.

BULUNGA – Mas os homens já foram para o céu com suas espaçonaves, vasculharam esse espaço com seus telescópios possantes e não viram nada além de estrelas, planetas, cometas e poeira cósmica.

CRISTÃO – Não é sobre esse céu que estamos falando.

BULUNGA – Então que céu é esse?

CRISTÃO – Ele é inacessível aos olhos humanos. É onde mora o nosso Criador.

BULUNGA – Ah, assim fica fácil acreditar, sem a necessidade de provas...

CRISTÃO – Você é como Tomé, que só acredita vendo...

BULUNGA – É ver para crer!

CRISTÃO – Você acredita que Michael Jackson existiu?

BULUNGA – Claro! Como não?

CRISTÃO – Já o viu pessoalmente? Conversou com ele? Tocou nele?

BULUNGA – Não...

CRISTÃO – Dizem que ele abusava de crianças:

você acreditou?

BULUNGA – Talvez...

CRISTÃO – E se eu te dissesse que para saber a verdade teria que falar com ele pessoalmente?

BULUNGA – Mas ele está morto. Não teria jeito.

CRISTÃO – É o que dizem. Já os teóricos da conspiração afirmam que ele está vivinho da Silva, e que toda aquela história dos remédios, do médico, foi uma armação para abafar os casos de pedofilia e a dívida bilionária que ele havia acumulado. Com a falsa morte, "zeraria" tudo.

BULUNGA – Faz sentido.

CRISTÃO – Mas se ele morreu mesmo, você terá que acreditar no que as pessoas dizem.

BULUNGA – Certo.

CRISTÃO – Mas ele continuará “vivo” com suas músicas e vídeos, não é verdade?

BULUNGA – Sim.

CRISTÃO – Jesus é histórico, morreu e ressuscitou, mas tem um monte de gente que acha que ele jamais existiu, porque naquele tempo não havia gravações de áudios e vídeos: só livros. Ou pior, papiros.

BULUNGA – Eu acredito que Ele existiu. Não tenho dúvidas quanto a isso.

CRISTÃO – Já é um bom caminho. Só falta deixar que Ele mude a sua vida.

BULUNGA – Mudar o quê? Não faço mal a ninguém. Vivo a minha vida pacata, com uma rotina quase inalterável. Não bebo, não fumo, não uso drogas, não dou o caneco...

CRISTÃO – Mas você não pensa em uma “vida

eterna"?

BULUNGA – Sei lá... eu não queria viver para sempre. Pelo menos neste mundo, não. Imagine que chatice ter que aguentar flanelinhas querendo me extorquir dinheiro por toda a eternidade; ficar preso em congestionamentos; ver só notícias ruins nos jornais e na TV; assistir o Big Brother nº 187.458.325; ficar sabendo da corrupção dos poderosos sem que a justiça seja feita... seria um suplício.

CRISTÃO – Na outra vida não teremos nada disso.

BULUNGA – Como você sabe?

CRISTÃO – Jesus veio exatamente para falar sobre isso. O nome é "Evangelho", que significa "boas novas".

BULUNGA – Ah, sim... legal!

CRISTÃO – Leia o "sermão da montanha". Está no

livro de Mateus, a partir do capítulo 5. Lá ele fala sobre tudo isso, com uma linguagem fácil de entender. Ele nos tranquiliza. Ele nos dá esperança.

BULUNGA – Cara, essa entrevista está uma tremenda pregação...

CRISTÃO – O que você esperava? Um cristão que se preza tem o dever de espalhar o evangelho, ou seja, levar as "boas novas" para o maior número possível de pessoas.

BULUNGA – Não sei se vai dar certo com esta entrevista. Acredito que a maioria das pessoas nem vai ler, quando virem quem é o entrevistado. Elas têm o maior preconceito. Desculpe-me a sinceridade, mas não é nada contra você.

CRISTÃO – Já ouviu a "parábola do semeador"?

BULUNGA – Aquela que fala do cara que deixou algumas sementes de mostarda caírem no meio

do caminho, e as aves comeram; que jogou uma porção delas nas pedras e não brotaram; que lançou outras delas nos espinhos, e elas até brotaram, mas foram sufocadas; até que, por fim, lançou-as em boa terra, onde se desenvolveram e deram uma bela colheita?

CRISTÃO – Parabéns! Estou gostando de ver: nota 10!

BULUNGA – Já ouvi muitas histórias da Bíblia quando era pequeno. Lembro-me de várias delas. Também já estive com muitos cristãos por aí, mas nenhum falava tão simples quanto você. A maioria queria ficar enchendo o meu saco, apontando os meus pecados.

CRISTÃO – Existem "cristãos" e "cristãos"...

BULUNGA – E você se acha melhor do que os outros cristãos?

CRISTÃO – Se eu me achasse superior, não seria um cristão. João Batista era o homem, nascido de mulher, mais puro que já existiu, mas não seria digno de calçar as sandálias de Jesus. Ele mesmo afirmava isso. Eu não seria digno de ser o cocô de cachorro sob as sandálias de João Batista. Um cristão jamais pode querer ser exaltado. Nunca se esqueça disso. Portanto, cuidado com esses "líderes religiosos midiáticos" que estão por aí.

BULUNGA – Cara, você é gente boa. Gostei da conversa.

CRISTÃO – Bora juntar-se a nós?

BULUNGA – Ainda é cedo... tenho que aproveitar a vida um pouco mais, antes de virar santo.

CRISTÃO – Espero que não seja tarde.

BULUNGA - Vira essa boca pra lá!

CRISTÃO – Quem avisa amigo é...

BULUNGA – Você acha que uma entrevista despretensiosa como esta possa levar um leitor à "conversão"?

CRISTÃO – Tudo é possível: certa vez, estava conversando animadamente com um motorista de Uber, e ele, do nada, me falou que estava pensando em se matar. O cara era simpático, tinha uma boa aparência, 63 anos e, a princípio, achei que era brincadeira, mas não era. Aquilo me deixou completamente sem palavras: fiquei em choque. Foi quando me lembrei do "Sermão da Montanha", e falei, resumidamente, sobre o que disse Jesus. Ao final, ele me confessou que aquela mensagem havia salvado a vida dele. Foi uma grande surpresa para mim, pois pensei que eu havia falhado, e fiquei remoendo aquele negócio um tempão, por achar que deveria ter feito uma verdadeira "pregação", que deveria ter orado para ele, imposto as mãos sobre sua cabeça, essas coisas que ensinam para a gente. Mas nada disso foi necessário, pois as palavras não vieram de mim, mas do Espírito Santo.

BULUNGA – Deu até um arrepio... muito doído esse negócio. Mas será que era verdade essa conversa dele, de querer se matar?

CRISTÃO - Ele me explicou que era executivo de uma grande empresa, e com a pandemia, ele e os dois filhos adultos perderam os empregos, as despesas eram altas, e a mulher dele também não trabalhava. E ele teve que pegar o trampo do Uber, mas não ganhava o suficiente para as despesas, mesmo ralando entre 12 e 16 horas por dia. Normalmente ele deixava de comer para sobrar para a mulher e os filhos. Às vezes desmaiava de fome. Naquele dia, havia desmaiado duas vezes.

BULUNGA - Será que ele não estava só querendo uma gorjeta sua?

CRISTÃO - Eu senti sinceridade na fala dele.

BULUNGA - Cara, isto é muito impactante. Vou pensar sobre esse caso até a noite. Valeu a conversa!

CRISTÃO – Disponha! E vá com Deus...

Lançamento:



"NA EIRA DE ORNÃ"



Desejo de grávida tem poder

Fábio Ribas



Quando a Lu estava grávida de nossa primogênita, Ana Lissa, chegamos do culto, domingo à noite e, prontos para o batente da semana, fomos nos preparar para dormir. De banho tomado e já de pijamas na cama, quase fechando os olhos, a Lu diz:

- Amor...

- Hum...

- Amor, eu estou com uma vontade doida de beber sabe o quê?

- Água? Rsrsrsrs

- Não, amor! Eu passei o dia pensando em beber suco de tomate! Mas lá na casa da minha mãe não tinha.

E a coisa mais engraçada do mundo foi ver aqueles olhinhos verdinhos da Lu brilhando cada vez mais a cada sílaba pronunciada: “su-co-de-to-ma-te”! Contudo, tentei trazê-la à realidade:

-Lu, o mercado já deve ter fechado...

- Mas, amor, eu acho que não vou conseguir dormir se não beber aquele suquinho de tomate com gelo, noz moscada, pimenta do reino... ai, ai, amor, vai lá ver se o mercado fechou... por favor!

E a segunda coisa mais engraçada do mundo foi ver aqueles olhinhos verdinhos da Lu brilhando a cada sílaba pronunciada: “noz-mos-ca-da, pi-men-ta-do-rei-no”!

Cresci ouvindo minha mãe dizer que se a gente não satisfaz desejo de mulher grávida a criança acaba nascendo com a cara da coisa desejada e, obviamente, não achava coisa muito agradável imaginar a Lu dando à luz um tomate. Levantei, troquei de roupa e fui. Carro apressado, estacionei na frente do mercado, mas, para minha tristeza,

eles já estavam abaixando a última grade de rolar que fechava o mercado. E agora? O que fazer? Ora, fiz o que todo marido e futuro pai apaixonado certamente faria. Pulei do carro e corri em direção ao mercado gritando:

- Não fecha! Não fecha! Minha esposa está grávida e ela quer beber suco de tomate!

- O quê?! Perguntou o funcionário surpreso.

- É que minha esposa está grávida e ela disse que não vai conseguir dormir se não beber suco de tomate. Vocês têm?

Enquanto eu falava isso, dois seguranças se aproximaram achando que eu estava era assaltando o mercado e pude ver que as meninas, que trabalhavam nos caixas, assustadas, estavam olhando para aquele pequeno tumulto que eu começava a fazer bem ali.

- Senhor – disse um dos seguranças – o mercado já está fechado. O Senhor pode se retirar, por favor?

- Mas, seu segurança, o senhor ouviu o que eu disse? Minha esposa não vai dormir hoje, porque ela está grávida e com desejo de beber suco de tomate! Olha, ela já teve desejo de comer pato no tucupi e

não foi nada fácil não! Tive que levá-la para a Torre de Brasília e pagar caríssimo num pato no tucupi, que ela estava desejando sem nunca ter comido um pato na vida dela antes! Mas ela está grávida, o senhor não entende?

Percebi, olhando de soslaio, que as atendentes dos caixas entenderam o que estava acontecendo e começaram a rir e uma delas chamou o gerente, ou melhor, "a" gerente. Para surpresa minha, quando ela chegou, vi que ela devia estar para parir a qualquer momento: andava parecendo uma pata, rosto inchado, uma barriga enorme, mas veio na minha direção com um sorriso aberto de orelha a orelha. Ela, então, me perguntou:

- Que história é essa, meu senhor?

- Oi, querida, desculpa, mas minha esposa está grávida e ela disse que não vai dormir se não beber suco de tomate... Eu acho que você vai me entender, não?

Nesse momento, ela deu uma boa risada sonora e falou:

- Vocês homens são engraçados mesmo! Meu marido fez a mesma coisa por mim. Meninos –

disse ela aos seguranças – pode deixar o rapaz entrar que eu mesma vendo o suco de tomate para ele.

Imagina a minha alegria. Ela abriu um caixa e me vendeu a garrafa de suco. Por que estou contando essa

história? Porque estou acompanhando aqui no Ami um aluno cuja esposa também está grávida, ambos indígenas, e, nos últimos dias, ela tem botado ele pra frente para arranjar bucho e tripa de vaca. E ele está indo atrás até de fazenda para ver se consegue isso para ela. É, desejo de mulher grávida tem poder mesmo em qualquer cultura do mundo!



Fábio Ribas é pastor, missionário,
professor, poeta e escritor.
Contato: ribaseribas1@gmail.com

BILL MURRAY

por Michel Salomão



Ele parece ser um cara legal. Estive frente a frente com ele, ou melhor, lado a lado, na antevéspera do natal de 2011, salvo engano, em frente ao Park Central Hotel, em Nova Iorque. Era uma noite gelada, estava começando a nevar, e ele esperava no passeio por algum hóspede que estava para sair, enquanto eu aguardava a minha esposa e meus dois filhos, para levá-los para jantar.

Tive vontade de conversar com ele, de falar o quanto admirava o seu trabalho, mas o meu inglês é sofrível, e não conseguiria sair nada além do "good night", "thank you", "i'm sorry" e "excuse-me", e assim, para não parecer ridículo, fiquei somente olhando para ele meio de lado, enquanto algumas pessoas o cercavam para pedir autógrafos.

Um elogio a mais, um a menos, nada acrescentaria na sua vida, ainda mais vindo de um famoso ninguém como eu, se considerarmos que ele já havia conquistado um Globo de Ouro e um Prêmio Bafta para a sua coleção, além de uma indicação para o Oscar.

Eu havia assistido "Os Caça-Fantasmas" (1982) e não gostei, e naquela época nem havia notado a presença dele, mas algum tempo depois tive a oportunidade de ver "Nosso Querido Bob" (1991), com Murray atuando ao lado de Richard Dreyfuss, que considero uma das melhores comédias que já vi, onde interpreta um maluco que cria uma total dependência do seu psiquiatra (Dreyfuss), e vai até a sua casa de campo dele para infernizar a sua vida.

Em seguida, assisti "O Feitiço do Tempo" (1993), onde vive um repórter que vai fazer a cobertura da festa do

"Dia da Marmota", em uma cidadezinha do interior da Pensilvânia, e lá percebe que os dias se repetem indefinidamente. Ótimo filme.

Também assisti os filmes que fez em parceria com Wes Anderson, com destaque para "Moonrise Kingdom" (2012) e "Grande Hotel Budapeste" (2013). Mas foi "Encontros e Desencontros" (2003), da diretora Sofia Coppola, que tornou-se o meu filme preferido, o qual assisti mais de 15 vezes e, certamente, verei outras tantas.

É um filme extremamente simpático, com um humor leve e sofisticado, e a ação se passa em Tokyo, onde Murray interpreta um ator de meia-idade, que no passado havia feito sucesso com filmes de ação e foi contratado para fazer um comercial de whisky, mas acaba conhecendo uma pós-adolescente interpretada por Scarlett Johansson, que pousou naquela cidade para acompanhar o marido fotógrafo, que a deixou entediada no hotel, enquanto foi fazer os seus ensaios.

Lá ela desenvolve uma improvável e instantânea amizade com aquele ator em decadência, capaz de superar a crise no casamento de ambos.

Bill Murray se envolveu em algumas polêmicas na



carreira. A maior delas foi um problema que teve com uma assistente de produção, por causa de uma brincadeira de mau gosto, e acabou interrompendo as filmagens de "Being Mortal". Também teve uma briga feia com a atriz Lucy Liu, na filmagem de "As Panteras".

Além disso, foi acusado de assédio pela atriz Geena Davis, nas filmagens de "Não Tenho Troco".

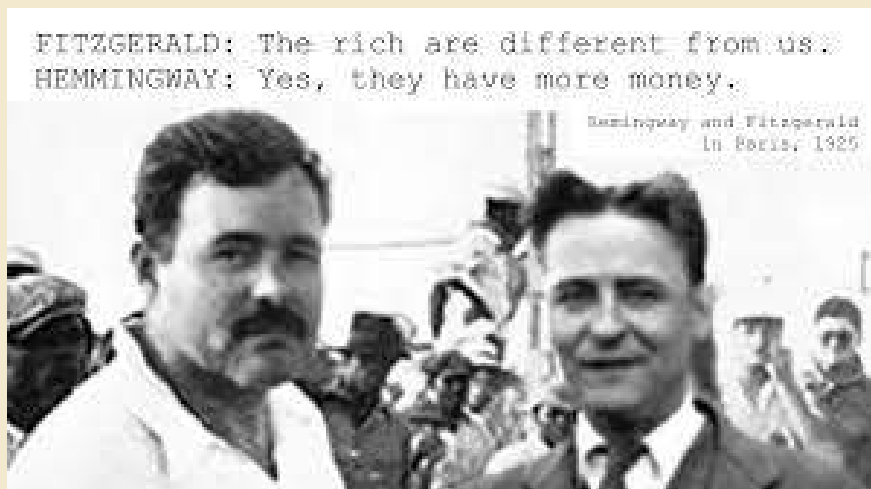
Segundo os amigos, tudo isso em razão de seu humor sarcástico, que leva para além das telas, o que nem sempre é bem interpretado por algumas pessoas, e isso vem desde os tempos do famoso programa "Saturday Night Live", que projetou a sua carreira.

Bill, atualmente, está com 75 anos e assume ser um preguiçoso. Por isso não tem sido visto em muitos filmes, pois também está sem agente. O seu mais recente trabalho foi a refilmagem de "Caçafantasmas", em 2024, com o episódio "O Apocalipse do Gelo".

A Paris da “Geração Perdida”: paraíso?

Jorge F. Isah

O que motivou uma geração de escritores americanos a mudar-se para Paris? A “Cidade Luz” ofereceria algo que a “Big Apple”, ou qualquer outra, não poderia? Qual o estímulo para atravessar o Atlântico e adentrar uma nação ainda devastada pela Primeira Guerra Mundial? Esta é a proposta de Ralph Schor em “Paris dos Escritores Americanos 1920-1939”: elucidar as causas que levaram tantos estrangeiros ilustres a residir, ou ao menos passar temporadas, em terras francesas.



A maioria pertencia à "Geração Perdida", nascida entre 1880 e 1890, que na década de 1920 não ultrapassava os 40 anos. Dentre eles, talvez os mais brilhantes sejam F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway, Thomas Wolfe, John Dos Passos, T. S. Eliot e Ezra Pound. Outros famosos, como Sherwood Anderson, Henry Miller, Gertrude Stein, Dorothy Parker e Sinclair Lewis, também se integravam ao grupo de "exilados".

A "Geração Perdida" não era composta apenas por escritores; incluía pintores, músicos, compositores, críticos, atores e jornalistas. A obra em questão, porém, abrange exclusivamente autores literários.

Os motivos eram variados, mas focaremos nos mais comuns. Entretanto, não havia um consenso absoluto; nem todos os interesses os despertavam em comum.

Após o fim da guerra, vários decidiram permanecer na Europa. Alguns, ao retornarem à pátria, sentiram-se estrangeiros em sua própria terra, e o regresso a Paris tornava-se inevitável. Alegavam que a América não possuía uma cultura sólida e milenar como a francesa – era um país jovem demais, ainda em seus cueiros, incapaz de oferecer um clima favorável ao

crescimento intelectual.

"Djuna Barnes, tendo voltado ao seu país em 1931, revelou sua impressão de haver voltado à infância, uma infância sem relação com a riqueza cultural da velha Europa."

Aliada à questão cultural, havia a percepção de que a sociedade americana se preocupava excessivamente com a materialidade: lucros, máquinas, ascensão social e consumismo. Muitos a viam como um corpo sem alma.

"Scott Fitzgerald levava um de seus personagens, orgulhoso de ser americano, a declarar: 'O dinheiro é o poder [...], o dinheiro fez este país'"("Éclats du Paradis"; em português, "Pedacos do Paraíso").

A ideia de que as obras de arte só tinham valor pelo aspecto mercadológico — quanto venderiam e lucrariam — era abominada pela maioria. Caso os autores não fossem hábeis em monetizar suas criações, eram considerados fracassos. Obviamente, autores populares e com grandes tiragens não revelavam, necessariamente, falta de talento. Mas a reverência ao número de exemplares vendidos como indicativo único de sucesso também era uma falácia.

Para a maioria da "Geração Perdida", o americano médio era medíocre em suas escolhas, e as editoras especializavam-se em publicar autores igualmente medianos e sem apelo criativo. Era um exagero, pois os mesmos proponentes dessa crítica foram descobertos e publicados por esses veículos.

O homem sempre está disposto a valorizar seus desejos e negar virtudes quando não quer algo. Enquanto levas de imigrantes partiam para os Estados Unidos em busca de oportunidades – muitas vezes fugindo da miséria, guerras civis, perseguição e, não raro, escravidão –, a intelectualidade americana rejeitava suas origens para viver em outras paragens. Enquanto a maioria dos estrangeiros buscava usufruir do conforto e da modernidade, construindo uma vida longe da penúria natal ou sistemas a aprisiona-los, a elite negava os esforços sociais para gerar riqueza e bem-estar àqueles dispostos a sacrifícios e muito, muito trabalho.

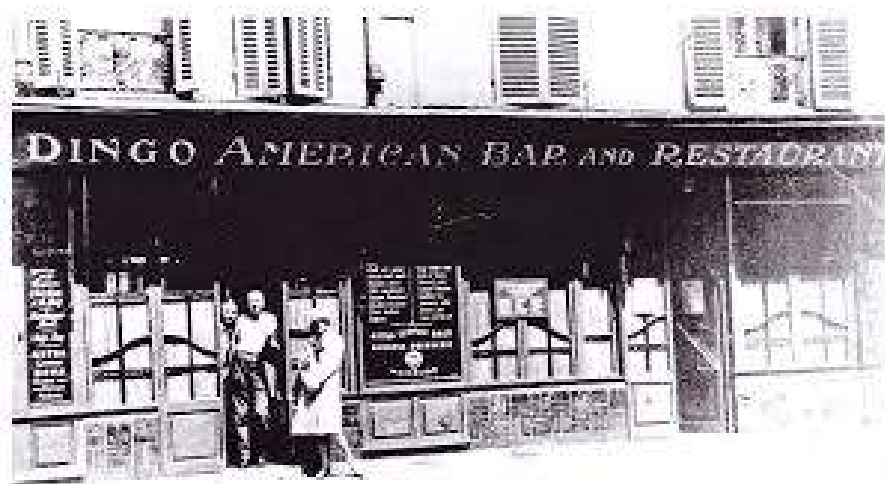
A elite abastada, com todas as facilidades modernas ao toque dos dedos, frequentando as melhores e melhores universidades, usufruindo das regalias fornecidas pela sociedade que tanto desprezava,

herdeira de bens, dotes, prestígio e status — coisas que o cidadão comum jamais imaginaria possuir —, eram os hipócritas a denunciar a hipocrisia alheia. Mas não pareciam dispostos a tirar a trave dos próprios olhos enquanto apontavam o cisco de outrem. Sim, entediados em casa e deslumbrados em Paris não precisavam "suar a camisa" pelo pão de cada dia.

Havia exceções, claro. Hemíngway, por exemplo, não provinha de família rica; foi à Europa combater na guerra e conseguiu instalar-se na França. Escrevia para um jornal alemão enquanto seus textos eram rejeitados nos veículos americanos. Thomas Wolfe é um caso semelhante, mas suas investidas no exterior eram temporárias; sempre voltava para casa, assim como F. Scott Fitzgerald, o menos "deslumbrado com Paris", ainda que aproveitasse todas as suas facilidades.

Deve-se levar em conta também o fator monetário. O custo de vida na América era três vezes maior do que em Paris, além de o dólar ser muito mais valorizado que o franco. Na França, podia-se ter um padrão de vida com ainda mais luxo, regalias e glamour,

pagando quase uma ninharia.



Outro aspecto motivador era a rigidez moral anglo-saxônica. O código de princípios de conduta regido por valores cristãos fazia-os torcer o nariz e ansiar por novas experiências e um estilo de vida mais, digamos, flexível. E, convenhamos, Paris era o destino certo. Em um período em que a Lei Seca vigorou de 1920 a 1933, e apesar da ilegalidade, o álcool proliferava clandestinamente por todo o território americano. Nos bares e cafés parisienses, estavam à disposição uma variedade de bebidas da melhor qualidade, a nata mundial, sem contar outros vícios menos comuns: ópio e cocaína, por exemplo, eram comercializados livremente, já que não havia proibição legal, embora existissem leis de contenção. Nomes célebres como Freud e Klaus Mann sucumbiram aos efeitos nocivos

dos opiáceos e alcaloides.

Considerados grandes amantes, o sexo em Paris era algo mais "criativo", menos escandaloso e sem a censura de olhares públicos. A liberdade era algo que não teriam na América provinciana, ao ver deles.

"Natalie Barney, muito revoltada contra o puritanismo de seu país natal, dizia que as mulheres americanas haviam todas engolido uma bíblia ao nascerem."

Obviamente, houve escritores dispostos a estabelecer-se na Europa não por causa das constantes festas, orgias, bebidas e drogas utilizadas sem comedimento, mas porque Paris era o centro cultural do mundo e, como tal, fervilhava com uma profusão de ideias, discussões, novidades e um solo fértil para investigação artística. Simpatizantes de várias correntes literárias e estilos intercambiavam-se; era normal e salutar. Por mais que houvesse divergências, por vezes acaloradas, as amizades não se rompiam, o ódio não se manifestava, e "matar" o adversário era puramente metafórico.

"Os escritores americanos de Paris ponderavam que viviam num local de criação único no mundo: conser-

vatório de todas as artes e, ao mesmo tempo, laboratório onde nascia uma cultura nova. Por isso, Gertrude Stein podia assegurar que Paris e a França constituíam o 'pano de fundo natural para a arte e a literatura do século XX'.

Se é justo dizer que existiam facilidades e um estilo de vida muito diferente dos padrões aos quais estavam habituados, não é exagero afirmar que buscavam um ambiente considerado mais propício ao encontro – ou reencontro – com a arte incipiente ou perdida. Alguns a encontraram, outros não. Alguns se ressignificaram. Outros, não.

"Ezra Pound se dirigira a Paris justamente para encontrar ali valores literários, morais e políticos que ele procurara em vão nos Estados Unidos e na Inglaterra. Seu objetivo era claramente o de desarrumar tudo o que existia."

Porém, nem tudo eram flores. À medida que reconheciam as vantagens parisienses, os americanos não eram queridos; pelo contrário, os franceses não se mostravam simpáticos e acolhedores. Para eles, aqueles intrusos tinham apenas dinheiro e estavam destruindo a cidade, aumentando o custo de vida e

tornando quase impossível ao cidadão comum dispor de benefícios que, agora, eram inexequíveis aos seus bolsos.

Por outro lado, os americanos também tinham suas ressalvas e consideravam-se mais parisienses que os próprios parisienses, já que os acusavam de renegar a própria identidade:

"De fato, os estrangeiros destacavam os defeitos dos parisienses, sua estreiteza, sua frieza às vezes depreciativa, sua mentalidade rotineira, seu frequente desdém pelo conforto e pela higiene, seu gosto excessivo pelo lucro."

Diferente de outros refugiados europeus — russos, alemães, armênios e espanhóis, fugitivos por perseguição política, que não podiam retornar às suas pátrias —, os americanos poderiam fazê-lo quando bem entendessem.

Esse foi, provavelmente, o último grande período artístico parisiense, onde alguns gênios amadureceram e forjaram seus estilos literários, conquistando lugar no panteão dos grandes autores do século XX. Ali, fomentou-se uma nova cultura, nova arte, a ganhar o mundo, alterar hábitos e estabeleceu

mudanças profundas, acentuadas nas décadas seguintes. Não é o objetivo discutir se essas ideias, muitas sedimentadas no espírito do século XXI, são legítimas, virtuosas ou meros efeitos da rebeldia humana. Fato é que Paris jamais será o que foi há 100 anos; hoje, é um espectro da caudalosa proficiência de ideias florescidas nos vários campos da cultura de então.

Ralph Schor, apesar da extensa bibliografia, construiu uma obra simples e objetiva, delineando a motivação e as consequências do êxodo intelectual americano no início do século passado. Para quem gosta de literatura, e de algumas fofocas, é um prato cheio.

*Nota: Todos os trechos pinçados entre aspas (""") e itálico foram retirados de:
Título: "Paris dos Escritores Americanos 1919–1939"
Autor: Ralph Schor
Editora: L&PM
Páginas: 232

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com



O que torna uma mulher inteira?

- Reflexões autobiográficas -

Débora Rempbel

Eu nunca fui a típica menininha. Gostava mais de carros Matchbox do que de bonecas. Preferia suar jogando futebol a usar maquiagem. Além disso, puxei meu pai tanto no gênio quanto no físico... Créditos sejam dados à minha mãe: ela sempre foi um exemplo de beleza e elegância feminina. Porém, foi apenas no fim da adolescência que comecei a gostar de ser feminina e buscar exemplos em mulheres do meu convívio.

Pensando bem, conforme eu tomava decisões sobre o rumo da minha vida, eu entendia cada vez mais o quanto a presença da minha mãe em casa significava. Ela havia dedicado sua vida a cuidar de nós, ficando em casa com os filhos. Para ela, foi um sacrifício moral perante a sociedade, já que apresentar-se como profissional tinha um brilho muito maior do que ser "do lar"... entretanto, ela nunca se arrependeu nem nos

transmitiu a impressão de que ser mãe em tempo integral fosse um fardo. Quando escolhi que carreira seguir, decidi que queria uma que igualmente me desse flexibilidade para trabalhar de casa: tornei-me tradutora.

Na companhia da minha mãe, peguei o gosto por sair para fazermos compras juntas. Estar na companhia de mulheres me inspirava a usar vestidos, cremes, perfumes. Percebi inclusive que esse cuidado comigo mesma me fazia bem. No fundo, creio que isso faz parte de amar a mim mesma como Deus me ama. Na idade adulta, por extensão, as amigas de minha mãe se tornaram minhas também. Passei a admirar e querer essa especial sintonia que existe entre mulheres: a liberdade de abrir o coração, a licença para ser "mãe" umas para as outras. Afinal, no fundo, toda mulher nasceu com o potencial para ser mãe, o que se manifesta em coisas como o conselho, o toque, as palavras carinhosas, o instinto de cuidar...

Tenho amigas em diversas faixas etárias, o que para mim é muito saudável contra a solidão, especialmente conforme vejo pessoas na minha idade encontrando seu par, casando e tendo filhos. Eu compreendi (e isso

é mais fácil em tese do que na prática) que não sou menos mulher por não ter o amor correspondido por um homem. Vivi os últimos dez anos em uma espera latente pela realização do meu sonho de moça: casar, constituir família, trabalhar em casa. Em maior ou menor intensidade, a cada ano esperava que aquele fosse "o ano" em que finalmente encontraria meu esposo e me casaria. Apesar disso, sinto que vivi intensamente e cresci de formas que jamais imaginei. Aprendi o autocuidado, mas também aprendi a tirar o foco de mim mesma, por meio da gratidão, da intercessão, do serviço voluntário. Tenho a sensação de que Deus me chamou para estar no meio de gente, para estar disponível a serviço dele. Como mulher cristã, eu me identifico com o texto de 1 Coríntios 7:34:

"Há diferença entre a mulher casada e a virgem. A solteira cuida das coisas do Senhor para ser santa, tanto no corpo como no espírito; porém, a casada cuida das coisas do mundo, em como há de agradar ao marido."

Nesse sentido, meu lema é florescer onde fui plantada. Não tenho garantia de que o amanhã vai se

concretizar, mas posso viver o hoje com propósito. Estou buscando cada vez mais me tornar uma mulher segundo o coração de Deus, meu criador. É isso que me faz plena e radiante.

Débora Rempel - Tradutora, revisora e escritora, gosta de explorar a riqueza da comunicação em vários idiomas. É brasileira neta de imigrantes alemães. Também apelidada de "Sol", tem uma personalidade radiante, sempre em busca de ver o lado bom da vida. Gosta de cultivar amizades, é amante da natureza e tem um blog sobre gratidão e fé chamado "Centenas de motivos".
rempeldebora@gmail.com



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional **& NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

 **WHATSAPP**
98025-1010

vagas limitadas!

A black poster for a theater and novel course. At the top, it says 'FAÇA' in a yellow box, followed by 'TEATRO' in large yellow letters. Below that, 'Curso Profissional' in yellow script and '& NOVELA' in large yellow letters. To the right, 'Prepare-se!' in white. In the center, a photo of five people on a stage. Below the photo, 'crianças', 'adolescentes', and 'adultos' in white. At the bottom, a green WhatsApp button with the number '98025-1010'. A yellow diagonal banner at the bottom right says 'vagas limitadas!'.

CARROS

melhor não tê-los

Está muito difícil comprar um carro no Brasil, não só pelo preço, que são os mais absurdos do mundo, por causa dos impostos abusivos, mas também pelos custos de manutenção, pela depreciação, pelo valor do IPVA, pelo custo dos estacionamento, pelo preço da lavagem, pela ação dos flanelinhas, pelo risco de assalto, pelas ruas esburacadas, e assim perde a graça ter em nossas garagens alguns desses modelos maravilhosos que estão lançando, cujas propagandas nos fazem sentir uns fracassados, por não termos um.

A GAC, fabricante chinesa, lançou recentemente o Aion. O carro é fabuloso, e o preço nem é tão caro assim, pois vendendo um rim e uma córnea já daria para comprar. Mas é elétrico, e aí o bicho pega: não dá para ter carro elétrico no Brasil.

Na verdade, não está fácil ter nenhum tipo de carro

neste país, pois, além dos problemas acima citados, tem a questão da inveja: você sai na rua com um carro novo e os vizinhos já comentam: "hummm... carro novo. Só pode estar roubando". E se for elétrico, ainda dizem: "Só pode ser burro".

Mas ainda existem os carros híbridos, que estão fazendo muito sucesso, só que os compradores se esquecem de que eles também possuem uma bateria, e que ela é muito cara: na hora que precisar trocar vai valer mais a pena descartar o possante no lixão.



Recentemente, a vice-presidente da BYD, Stella Li, deu uma entrevista dizendo que a maioria das fabricantes chinesas vão quebrar, gerando uma reação nervosa do mercado, com muitos especialistas

afirmando que é a própria gigante que corre o risco de ir para o buraco, e que essa teria sido uma estratégia desesperada para ver se aumentavam as próprias vendas, pois a situação da empresa vai de mal a pior, considerando as dívidas bilionárias que colecionam junto a seus fornecedores.

Mas as fabricantes tradicionais, que atuam preferencialmente com motores à combustão, também não estão com folga: defeitos de todos os tipos, atrasos na entrega, queda nas vendas, são alguns dos problemas que podem se agravar ainda mais, nos próximos anos.

A solução, talvez, seja voltarmos ao antigo modelo SPé2*.

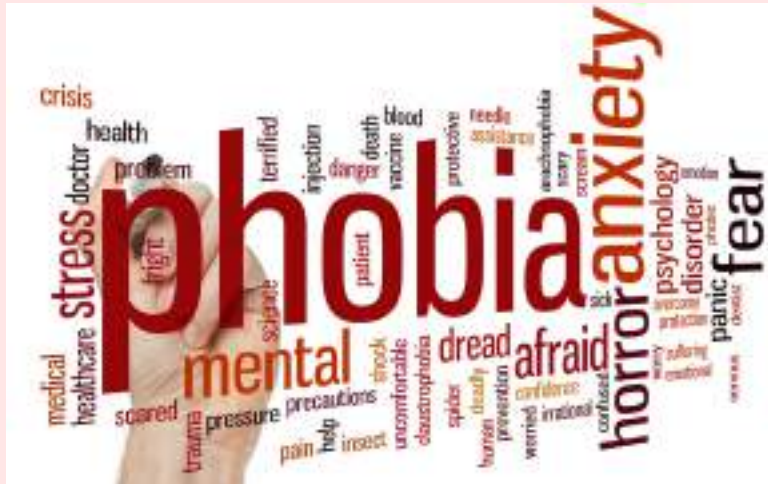


- trocadilho com o nome do veículo clássico esportivo da Volkswagen, SP2, muito desejado nos anos 70.

PHOBOMANIA:

Saiu a nova listagem anual de fobias. Conheça algumas

Sammis Reachers



Fobos, você sabe, é irmão de Deímos, deuses ou diabos gregos representantes do Medo e do Terror, respectivamente. Filhos do miliciano Ares e da messalina Afrodite, boa coisa não poderia mesmo vir dessa mistura de guerra com lascívia e impudicícia. De Fobos (Phobo, com ph, fica mais fofo, não?) derivamos muita coisa, como o tema dessa nossa crônica noticiosa, as fobias.

Talvez você não saiba, mas na pitoresca cidade de Broken Arrow, no estado norte-americano de Oklahoma, fica a sede da Sociedade para o Estudo e Catalogação das Fobias, Medos e Transtornos Correlatos (SSCPFRD, na sigla em inglês).

A obscura relativamente invisibilizada organização, com sucursais ou ao menos representantes em cidades como Paris ou a nossa Niterói, de tempos em tempos lança nas fuças e nos ares sua nova compilação de rebentos do tal Phobos, deus caído que parece milho de pipoca premium estourando pela quentura destes nossos tempos.

Nem só de seu maior sucesso, a celebrada transfobia (e sua infinita LGBTQIAFNWELRTSV+tização) ou da cristofobia (que ela mesma insiste em não designar, mas é a campeã das fobias em certos círculos, universidades, partidos, países, continentes e sabe-se lá se em planetas), vive a organização. Convido você, leitor, leitora, leitor e leitão a dar uma olhada nas novas nomenclaturas que a .org, em seu empenho científico à frente de seu tempo e de sua cultura vem desenvolvendo, em nome da compreensão das incompreensões humanas e do tratamento paliativo de transtornos da psiquê (sim, também me assusta, mas medo ainda é uma doença). Vejamos seis dos nada menos que quarenta e seis(!) novos construtos medrais delimitados e elencados este ano pela ong ianqueana.

Erucofobia (do latim *eruca*, lagarta): Medo de passar sob árvores e uma lagarta (de fogo, água ou carbono como você e eu) cair sobre si. Os reféns da patologia se recusam a andar em áreas arborescentes, e fazem das selvas de pedra seu habitat de salvaguarda. O PCC agradece.

Ovifrangerofobia (do latim *ovi*, ovo, *frangere*, partir): Medo de assistir a uma das coisas mais centrais e belas da natureza: Um ovo eclodindo e um animal saindo dele (seja cobra, calango, dragão ou ave).

Masculofobia: Este é medo antigo, pilar dos medos, sobressalto das bruxas que sobreviveram, e que só agora ganha designação oficial, depois de uma longa luta interna, que quase fez rachar aquela abalada organização sem fins lucrativos. Trata-se do medo de ver, conversar e/ou conviver com homens héteros autoafirmativos. Não se trata dos tais doentios "red pills" ou "hétero tops"; o termo autoafirmativo designa o simples homem hétero coitado e cotidiano (seu pai, seu irmão, seu avô, seu Antônio o pedreiro, Geremias o açougueiro, o "homem comum" cujo conjunto certamente fez o mundo em que você pisa, respira e teme), que não se envergonha de si, sua

opção, ou melhor, naturalista que é, não considera opções. Uma revista de humor inglesa disse que a masculofobia é o medo de "homem de verdade". Bem, há divergências, mas é um resumo do medo.

Punctumfobia: É o medo de apontar lápis (de punctum, apontar). Os especialistas perceberam que, em cidades belgas, dinamarquesas e holandesas, crianças tinham medo de apontar seus lápis, pois a visão de um lápis sendo desbastado lhes causava repulsa e desconforto, afinal o lápis está sendo mutilado naquilo ali. Na Dinamarca, país avant garde, já há funcionários nas escolas encarregados exclusivamente de apontar os lápis do mais sensíveis (não deixem Putin saber disso).

Nigergradatiofobia ou simplesmente gradatiofobia (sempre do latim, niger, negro, gradatio, gradação): Essa talvez seja a mais polêmica das novas designações fóbicas, ou ao menos a que tem causado mais estardalhaço na mídia norte-americana e europeia: É a fobia que uma pessoa NEGRA tem de outra pessoa NEGRA, cujo tom de pele é mais escuro que o dela.

No Brasil, país miscigenado pelo amor e pela violên-

cia, um dos gargalos entupidos do combate ao racismo é aquele praticado (em geral por crianças e adolescentes) justamente entre negros, onde as falas, sejam francas ou de "humor", desmerecem este ou aquele negro por ser "mais preto" que aquele que fala. Qualquer rua ou sala de aula é palco para assistir, estarrecido, a este descabimento que se repete ao milhão por dia, ao arrepio da lei, da Djamila e do ex-ministro apalpador de catracas (a tara dele tem nome, mas, calma, o tema de hoje são fobias).

Após temas amenos e pesados, vamos terminar com outra amenidade, esta típica da geração Z. É a tarditofobia (tarditas, lentidão, morosidade).

Simplesmente o medo de que um livro não tenha a sua continuação publicada. Vivemos tempos de trilogias, tetralogias e CEOs tarados incansáveis como Ares ou Afrodite dominando a baixa literatura, mas uma raiz desse horror podemos creditar ao nosso primeiro detetive da ficção, Sherlock Holmes, cuja morte no conto O Problema Final (e o fim da "saga"), desesperou a Europa, inundou o autor Arthur Conan Doyle de cartas e o "obrigou" a reviver o personagem,

que, passados mais de 130 anos de sua primeira morte, segue ad infinitum, pois centenas de autores escreveram e seguem escrevendo histórias baseadas no mestre londrino dos tirocínios. O episódio bem mais recente, da morosidade de George R. R. Martin em concluir sua saga Crônicas de Gelo e Fogo (Game of Thrones e não, neste 13/09/25 a obra ainda não foi concluída), só ajudou a universalizar a fobia, agora, se não dicionarizada, ao menos já descrita em publicação especializada. Eu falei de tema ameno? Perdão, leitor. Segundo dados da própria SSCPFRD, ao menos 28 pessoas, apenas no Norte global, alegadamente suicidaram-se devido à espera, dura para elas, de continuações de suas tramas diletas. Martín responde por nada menos que 17 dessas mortes...

Em tempo: Você, cagão, cagona, cagone, medroso de qualquer (im)potência pode solicitar um distintivo de representante da SSCPFRD, e passar a ser correspondente certificado da .org em sua região. As tarefas do cargo, honorário e não remunerado, vão desde coletar dados a divulgar o trabalho da .org. Mas saiba que o paspalho e proto-ditador do Trump é

inimigo fígadal da organização, após ela propor o termo *aurantiofobia* (medo de homens-"laranja"), e seu visto para os EUA pode bem ir para as cucuias. De toda forma, preencha o cadastro no site e boa sorte!

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO
Shopping 5ª Avenida
RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1166
TELEFONE (31) 3226.3212 | WHATSAPP (31) 994801505





Resolvi assistir essa série por causa dos excelentes atores Jude Law e Jason Bateman, mas já havia lido algumas críticas não muito favoráveis, principalmente pelo fato de ser exibido em oito episódios, o que alguns consideravam excessivo, sem que isso tenha conseguido me demover da ideia dar uma conferida.

O resultado é que gostei muito. Excelentes momentos de tensão, em uma Nova York sombria e agitada, com uma trama cheia de flash backs, comandadas por Law e por Bateman, que estão impecáveis nos papéis dos irmãos Jake e Vince Friedkin, sempre metidos em confusão, em torno do badalado restaurante "Black Rabbit", do qual eram sócios.



Desde o princípio, dá para ver que Vince (Jason Bateman) é complicado, pois logo nos primeiros minutos se envolve em uma gigantesca confusão, ao ser assaltado enquanto tentava vender suas moedas raras, dentro de seu carro, em um estacionamento de supermercado, mas acaba atropelando e matando um dos bandidos, e assim resolve retornar a Nova York,

Em outro momento, o "Black Rabbit" é assaltado, exatamente numa noite de casa lotada, quando estão sendo exibidas joias que valem um milhão de dólares, e Jake (Jude Law) tem uma arma apontada para a sua cabeça. Mas somente nos capítulos finais veremos o desfecho dessa cena, com uma surpresa reservada para o público.



A cumplicidade dos irmãos, que ao mesmo tempo se amam e se odeiam, pode não ter sido bem entendida por alguns críticos, mas está embasada nos traumas ocorridos na infância, com a morte trágica do pai e do envolvimento da mãe com um perigoso agiota surdo, Joe Mancuso (interpretado com muita competência por Troy Kotsur), a perseguição aos irmãos por seu



filho Júnior (um psicopata vivido por Forrest Weber) e a misteriosa morte da bartender Anna.

Esta não é a coluna "spoilers", e por isso não vou adiantar mais nada a respeito da série, mas asseguro que raramente o público terá a oportunidade de assistir um thriller policial e psicológico com tamanha qualidade.



O VALOR DE SERVIR

Judson Canto



Eu estava em um ônibus da Catarinense. Ia de Curitiba para Joinville, com planos de visitar a minha mãe e também falar com uma pessoa a respeito de um antigo projeto editorial. Atrás de mim, sentaram-se dois falantes exemplares da terceira idade, um homem e uma mulher. Fiquei escutando a conversa deles. (Sim, tenho esse saudável hábito. Para segredos, sou um túmulo, mas na captação de conversas alheias estou mais para cova coletiva.).

Os dois não se conheciam. Após se apresentarem, partiram da senhora as inevitáveis perguntas sobre o estado de saúde do companheiro de viagem, que em geral resultam em um relatório de doenças.

Não houve exceção aqui. Ele informou:

– Tive dois derrames há poucos meses. Contou também que era hipertenso e sofria de artrite.

– Tem catarata? – perguntou ela, buscando naquela fonte promissora algo com que tivesse mais afinidade.

– Foi retirada.

O assunto passou então ao motivo da viagem, mais uma vez por iniciativa da anciã, de 71 anos (ele tinha 72). Ele revelou que estava indo a Indaial buscar um remédio feito à base de ervas para a esposa cancerosa. Ele não depositava nenhuma fé naquele tipo de medicamento, mas a esposa se sentia melhor com ele. Explicou também que poderia pedir o remédio pelo correio, mas preferia ir buscá-lo pessoalmente, uma rotina repetida mês a mês havia nove anos.

Então, em resumo, era isto: um homem com a saúde debilitada empreendia todos os meses uma viagem

dispensável a fim de comprar para a mulher cancerosa um remédio em cuja eficácia ele não acreditava.

A explicação? Ouvi-a também durante a conversa: ele queria fazer algo pela esposa doente, e "as coisas têm mais valor quando há serviço".

JUDSON CANTO foi chefe do Setor de Livros na CPAD e coordenador editorial na Editora Vida. Hoje é editor independente, revisor e tradutor.
obalido@gmail.com



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

COMO VIVER NO MUNDO DE HOJE

Rosemare Gomes

Com tantas adversidades, problemas externos, às vezes do outro lado do mundo e às vezes na nossa esquina, além de problemas internos, da nossa mente e personalidade, a quem atribuir a culpa?

Vivemos em um mundo imediatista, onde tudo tem que ocorrer aqui e agora e do modo que queremos. Não importa se a verdadeira humanidade está sendo deteriorada. Muitos vendem a alma a cada momento ao diabo, como reza o velho ditado.

O sorriso que se impõe mostrar, por uma convenção e exigência social se sobrepõe ou até elimina o verdadeiro sorriso e a lágrima que deveria ser manifesta. Ter está acima do ser. Você é o que tem e não o que se é de fato. Ir longe é ter sucesso, e esse sucesso é ser o mais apto, como no mundo imaginário de Darwin. Não importa quantas cabeças tenha decapitado ou quantos corpos tenha pisoteado. Talvez, por isso, não só no Brasil, mas pelas bandas da Latinoamérica, a malandragem e o oportunismo sejam tão amplamente louvados e proclamados como exem-

exemplo a se seguir. Esquece-se que que tudo aqui é passageiro, lembrando da piada que, tirando o motorista e o trocador, todos somos. Por que será que esquecemos as coisas mais simples que não deveriam ser esquecidas? Ao final, tudo que usamos, de coisas móveis e imóveis, são apenas coisas que uns mais habilmente que outros aprenderam a usar melhor. Entretanto, por não assumirmos nossos próprios erros mais evidentes, inventamos outros culpados: o país, os governos, os vícios, os desvios comportamentais e até Deus.

Entender a vida não é fácil. Aprendi muito com minha mãe, a dona Santa, e muitas coisas que ela disse, e que na minha inocência não entendia, posso entender hoje. Mas nunca saberei tudo, seja por meios institucionais ou casuais. A vida (nós seres humanos somos muito complexos e complicados) nos cobra, cobramos dos outros (muito mais do que a nós mesmos), e esquecemos de Deus. Pode parecer um argumento simplista, mas é tão óbvio! E as coisas óbvias são as mais esquecidas, ignoradas e exatamente por ficarem intocadas, inventamos tantos outros culpados.

A sabedoria recomenda que coisas básicas sejam

resolvidas primeiro as outras, depois ou até nunca, afinal serão sempre menores ou imaginárias. Talvez por isso tanta gente parta todos os dias desta para uma pior, ocupadas com coisas totalmente sem importância.

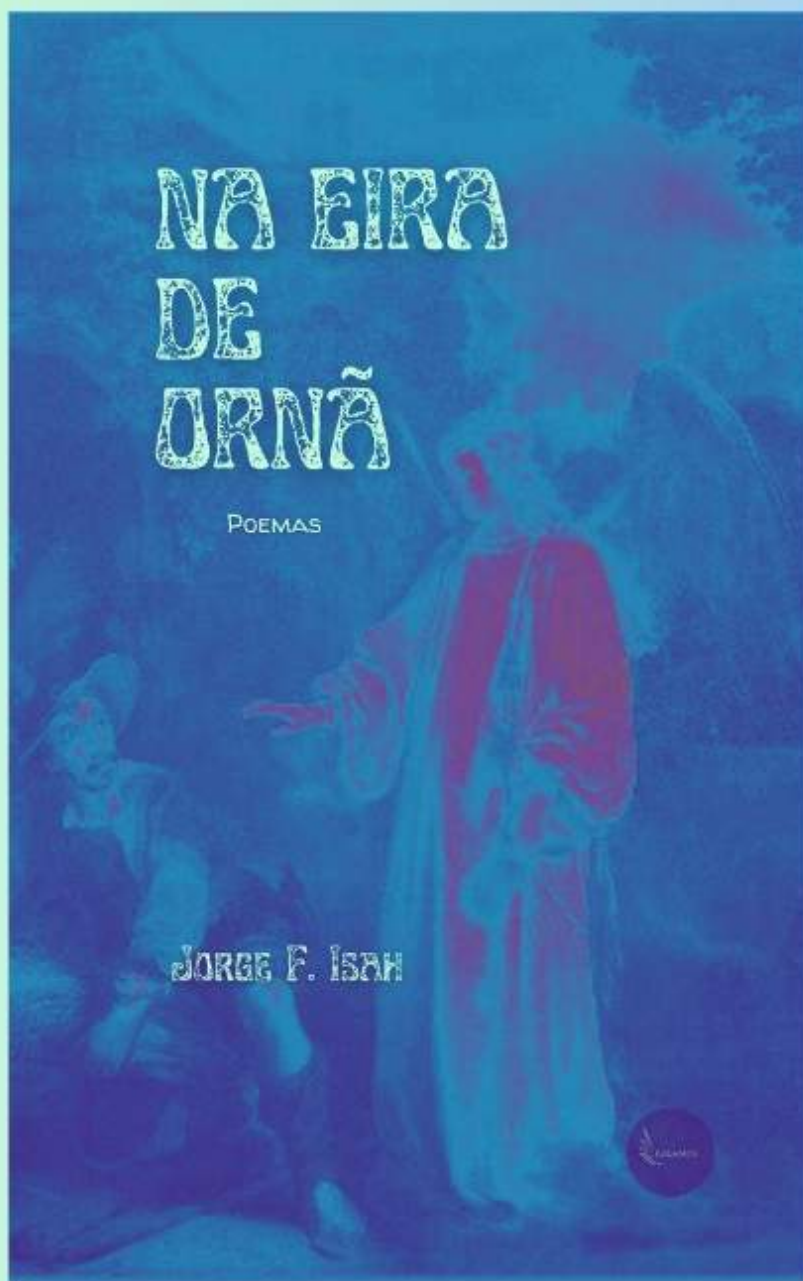
Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com



KÁLAMOS

www.kalamos.com.br

Pré-Venda e Lançamento do livro: "Na Eira de Ornã"



Poemas

kalamos.com.br & amazon.com.br

Graças a Deus, não silenciaremos nossos políticos à bala

- Uma reflexão sul-americana -

Sammis Reachers

Graças a Deus somos um país civilizado.

Imagine, por um ou dois minutos, se tivéssemos a cultura barbaresca dos outros-americanos do Norte que, desde antes do grande Lincoln, costumam silenciar à bala seus grandes e pequenos homens políticos - que pensam em geral o contrário do atirador:

Já não teríamos, de há muito, Bolsonaro, enterrado ainda deputado e palhaço, não genocida;

De há muito e muito antes, estaríamos pondo velas coloridas (pretas não que ele não gosta da cor) no túmulo do bondoso Lula;

Já não haveria, veja você, um Alexandre de Moraes, um Xandão para odiarmos e amarmos conforme a crise ou o mês.

Fosse nossa Pindorama a América de George Washington, todos estariam fulminados seja por uma nossa Taurus, seja por uma Ruger deles, ou talvez uma Beretta carcamana, para demonstrar nosso não-partidarismo bairrista.

Graças a Deus que não somos aqueles.

Imagine você, PASTOR desgostoso, que perdeu a fé e o medo da sodomia lá, ainda naquele seminário, e que passa os dias defendendo Lula (ou o Bozo): O que faria sem ele? Procuraria OVELHAS para apascentar?

E você, minha amiga, mulher empoderada e feia como o diabo, que passa os dias falando mal de bolsonaristas, de Bolsonaro, dos Bolsonaros e seus babalorissauos, como faria? Procuraria finalmente um MACHO, um domador de feras, para civilizá-la?

E você poderá dizer: "Puxa, Samerson, se eles não existissem, aqueles em cuja mente eles alugaram apartamentos, palácios, mansões, arrumariam algo mais ÚTIL para fazer. Seriam LIVRES. É isso que você quer dizer?" Bem, quem sabe?

Uma coisa sei: Há em mim um Bozo, há em mim um Lula, e em você também: E vamos bem, miscigenados de defeitos e bovinidade. Claro, alguns tiveram as mentes estupradas; mas, não fossem os políticos, eles arrumariam outras máscaras para fantasiar e ocupar a própria idiotice.

Porém graças, graças a Deus somos de uma outra e melhor América, fundada na dialogicidade. Como você pôde ler.

SUBMISSÃO

Jorge F. Isah



Li este livro em 2016, mas diante das guerras atuais, especialmente o embate entre os grupos terroristas do Hamas, Hezbollah e outros, financiados pelo Irã contra Israel, resolvi aprofundar-me em "Submissão" (que em árabe significa Islã), o livro que trata exatamente da invasão muçulmana à França e o fim iminente do que poderia se chamar Ocidente nas próximas décadas.

O autor, Houellebecq, já foi acusado de praticamente tudo e, até mesmo, de fazer literatura com o nítido viés de trazer aversão e rejeição às pautas humanitárias, e ganhar milhares de euros e dólares. A intenção seria causar terror, preconceito e perseguição aos inocentes e bem-intencionados islamitas.

Muitos torcem o nariz, outros o consideram frouxo em suas denúncias, e ainda há aqueles que o têm como porta-voz da derrocada europeia atual.

Gosto de literatura e não me importo se existem fatores à direita ou à esquerda, desde que escrita com apuro e qualidade. Ao revelar os problemas e caminhos que o Ocidente está a trilhar, ela se torna ainda mais necessária e ampla. E o multiculturalismo, com todos os equívocos (e mínimos acertos), seja na Europa, América ou Brasil, é um assunto sobre o qual deveríamos nos debruçar e analisar sem os clichês e paixões nos quais o pensamento moderno se habituou e estagnou.

Por mais que o considere um romance atual, pois trata da invasão cultural e, por que não, militar, algo que já foi decantado e alardeado há décadas por grandes intelectuais como Theodore Dalrymple, Roger Scruton,

Olavo de Carvalho, entre outros, nunca é demais escrever sobre o assunto.

Por mais que trate do domínio islâmico no Velho Continente, os atentados, estupros, linchamentos e a implantação da Sharia na Inglaterra, França e Alemanha sejam uma realidade.

Por mais que fale da vitória de um partido, a Fraternidade Muçulmana (aliada ao Partido Socialista Francês), assumindo o poder político do país e rapidamente mudando a legislação e aplicando as suas leis.

Por mais que ele discuta algumas ideias em meio a uma descrença e niilismo do personagem principal, François, que se vê rapidamente cooptado pela liderança muçulmana; ainda assim, o livro de Houellebecq, apesar da propaganda alardeada de escritor polêmico, me pareceu aquém das expectativas.

Em meio às críticas de ser ultradireitista, retrógado, divisionista, xenófobo e controverso pela mídia esquerdista/liberal, seus aliados e intenções nada morais (aqueles que veem mas fingem não ver), esperava algo do tipo um desnudar, um escancarar da "colonização" islâmica na França, revelando suas táticas

cas, violência e o nítido interesse de destruir o pouco a restar da Europa, com a "bênção" de muitos cidadãos. Em parte, a narrativa obteve êxito.

Contaminados por discursos década após década, o cidadão comum, e mesmo um "intelectual" tal qual François (leciona na Universidade de Paris, através do benefício de bolsas, e nunca teve um emprego de verdade), não é de se estranhar o escândalo e protestos gerados pelo livro. Anestesiados, não conseguem ver além do próprio nariz, enquanto ateiavam fogo em si mesmos, na sua cultura e história.

Certa vez, vi a declaração de um ex-militar israelense (e aqui a razão de aprofundar o assunto de "Submissão") de que, enquanto os muçulmanos querem o domínio, controle e conquista do Ocidente, o liberal cheio de "não me toques" e higiênico quer eleição, e será por ela que o Islã ganhará seus novos territórios. Alguém duvida? Várias cidades espalhadas na América e Europa têm o seu quinhão de governantes oriundos do Islã. A implosão se dá de dentro para fora, seja em metrô, aviões, prédios ou nas urnas. A democracia tão venerada, frágil e ineficiente, é a mesma a suicidar-se ao dar lugar à teocracia.

François, após ser defenestrado da cadeira na universidade, foi cooptado em troca de se "converter" ao Islã, ganhando três vezes mais do que antes. E assim, boa parte da intelligentsia está disposta a se "sacrificar" por si mesma.

São também os mesmos progressistas que defendem o terror do Islã, encobrem os seus pecados mais hediondos, os crimes mais abomináveis, e demonizam Israel que, como a França de Houellebecq, é democrata e morrerá com a corda que pôs no próprio pescoço. É claro que não estou a falar de escatologia ou do "Israel de Deus", mas analisando os fatos friamente. E eles estão aí para todos verem. Basta querer. E é nesse aspecto, ao descrever o protagonista como o homem moderno sem padrão, sem limites, sem domínio, sem sentido, que o autor se sobressai.

François é a derrocada do Ocidente; o homem não somente dominado pelo poder político, mas pela própria fraqueza, imoralidade, maleabilidade para aceitar ou fazer vistas grossas ao mal. Isso vale para todos nós que repetimos diariamente a frase atribuída a Martin Luther King: "O que me preocupa não é o grito dos maus,

mas o silêncio dos bons". Por essas e outras, não me simpatizo em nada com o liberalismo e o seu viés mais radical, o libertarianismo, que visa apenas o sucesso e conquista material, achando que um governo economicamente menos interventor é a solução de todos os problemas, enquanto "pregam" o relativismo moral e o fim dos padrões culturais, religiosos e tradicionais. O que recebem com uma mão acabam por dar com as duas. Tudo é "menos Estado", como se o entrave fossem as leis e não o tipo de leis, e cada um pudesse viver a seu bel-prazer, desde que não se prejudique ninguém... Tá, cara-pálida! Quando o despertador vai tocar?!... Acham que tudo se resolve com o voto, mas, e a qualidade desse voto?

Para resumir, basta uma olhada ao redor e ver onde o relativismo e os votos nos fizeram chegar; muito mais rápido do que alguém, em sã consciência, pudesse imaginar.

François é este homem: vazio, oco, como T. S. Eliot escreveu em seu famoso poema. Um "maria-vai-com-as-outras", desde que lhe sejam concedidas algumas vantagens. E se vender bem é, no final das contas, a melhor jogada. Com isso, em seu niilismo, multicultural-

lismo, relativismo, anticristianismo e tudo o mais de fétido que a modernidade construiu, ele se "converte" ao Islã, pensando no gordo salário e nas mulheres com quem se casará. Não é difícil imaginá-lo a rezar o "salat"... submisso e conformado.

Ao terminar a leitura, fiquei me perguntando se aquela descrição e alerta resultariam em um abrir de olhos do leitor: sinceramente, fiquei em dúvida.

Os mais otimistas o viram como um promotor de ideias e, como tal, achei-as, em algum sentido, perdidas em sua própria denúncia. Como um livro polêmico (talvez para a sociedade pós-cristã e ocidental, como a francesa, mas ainda distante da brasileira), pareceu-me quase inofensivo em sua denúncia escandalosa.

Na verdade, não gostei mesmo da narrativa; ela se desenvolve meio sôfrega e não me cativou na maior parte do tempo. Chego a concluir que é um livro mal escrito, não é uma porcaria, evidente, mas está longe dos grandes autores e clássicos. Pareceu-me frio, distante, mas entre o frio e o morno, que não é uma coisa nem outra, é preferível a contenção da geladeira. Esperava mais, sobretudo pela crítica favorável ao estilo e prosa de Houellebecq, e também sobre o enredo

proposto.

No final das contas, talvez se eu não tivesse ouvido falar tanto de "Submissão", sem uma expectativa de que leria uma obra incomum, muito superior ao que se tem escrito mundo afora, seria possível o livro me agradar mais. A propaganda, neste caso, não funcionou a contento.

Resumindo: "Submissão" não é um livro ruim, longe disso, mas não é tudo o que dizem. Ele abarca muitos elementos existenciais, culturais e políticos que levam à reflexão. Porém, ficou um gostinho de "quero mais", que o autor pode corresponder em sua próxima obra ou, quem sabe, em uma releitura.

Avaliação: (★★★)

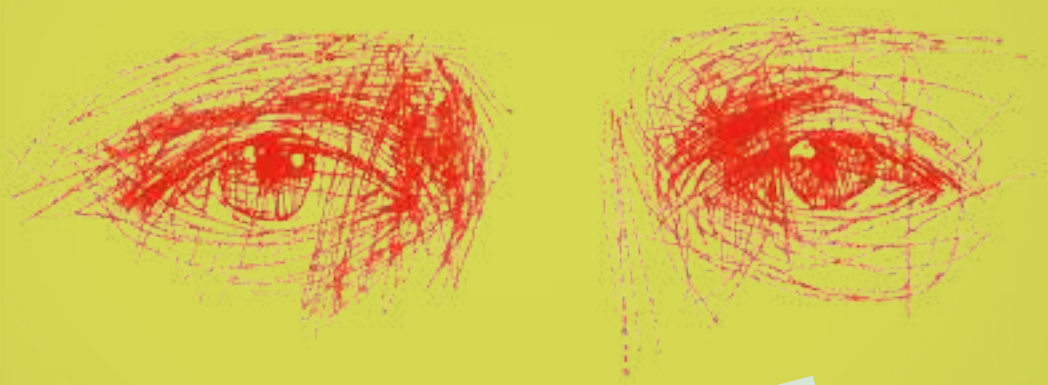
Título: Submissão

Autor: Michel Houellebecq

Editora: Alfaguara

Páginas: 256

O Lhos dE FOME



Em breve, na AMAZON

um livro de
Michel Salomão

METANOL

Essa onda de intoxicações e mortes por Metanol anda assustando o público consumidor de **destilados** em geral, lembrando que há cinco anos tivemos os casos de intoxicação por **fermentados**, mais especificamente com a cerveja Baker, que causou diversas mortes e deixou sequelas nos sobreviventes.

Não é de hoje que são vendidas adulteradas no Brasil, fabricadas em fundos de quintal por esse país afora, sem qualquer fiscalização, mas a culpa era sempre do Paraguai.

Dores de cabeça terríveis e ressacas homéricas eram apenas alguns dos sintomas observados, mas muita gente deve ter morrido sem que ninguém tenha ligado esses fatos ao consumo das bebidas, preferindo atribuir a culpa à inocente azeitona.

Porém, mais recentemente, por obra do acaso, pois é assim que as coisas acontecem neste país, conseguiram apurar alguma ocorrência e chegaram a apontar uns gaiatos como responsáveis, e entre eles, pasmem, está o PCC, organização "não-terrorista" (segundo o governo) com a qual ninguém mexe, pois

possui influência entre as mais altas cúpulas dos poderes, e por isso, a melhor saída para o cidadão comum é **parar de beber álcool.**

Contudo, para quem tem saudades dos velhos tempos, quando se bebia vinho Chapinha, aguardentes Pitu, 51 e Velho Barreiro, e as cervejas Malta, Glacial e Polar com a boca mais boa do mundo, poderá se lembrar dos rótulos dos whiskys mais chiques do pedaço, com os nomes os quais ficaram carinhosamente conhecidos, como Matus Pobris (Natu Nobilis), Odeio-te (Old Eight), Passmort (Passport), Duris (Drury's), entre outros.



A ARTE DA TEIMOSIA

Helvécio S. Pereira

Passamos a maior parte de nossas vidas vendo outras pessoas. Com isso, aprendemos desde muito cedo a repará-las, mais atentos aos imputados defeitos do que às eventuais qualidades. Do mesmo jeito, parece ser maldosamente divertido diminuir ou criticá-las, mais do que proferir elogios, reconhecer as suas virtudes, o que dá trabalho e significa colocá-las acima de si mesmo.

Não são poucos os modelos descritivos da personalidade humana, todos com o objetivo prático de antever reações em situações de conflito ou estresse. É útil para o RH das empresas, segurança no transporte ou estabelecimentos públicos. Convenhamos que não são poucas as vezes em que esse filtro, necessário e justificável, falha miseravelmente e deles ocorrem gravíssimas consequências, quase sempre a apanhar inocentes em suas teias, gente que nada tinha a ver com as neuras dos malucos.

Por outro lado, seria saudável e útil se cada um de nós conhecesse, ou espionasse, não somente os outros, mas a nós mesmos.

Peguei o micro-ônibus, e como não pago mais passagens, fico ali próximo do motorista. Entra uma idosa e de cara já reclama da demora do ônibus. De pé, ao lado do motorista, arremata reclamando da lentidão do trânsito. Emenda com outro assunto curto, em um ou dois comentários. Eu, que não sou de me meter em conversas alheias, mas com um defeito de não deixar escapar nada que aconteça ao meu redor, sejam conversas aleatórias, queixas alheias, comentários inúteis sobre o jogo de futebol que aconteceu não sei quando e suas previsões duplamente inúteis na próxima rodada, intervenho dizendo que as tais obras que recentemente estão a causar transtornos decorrem da construção da enorme Catedral Metropolitana de Belo Horizonte.

Ainda de pé e de chofre, a idosa de cabelo curto bem penteado, por trás dos óculos de grau, retruca:

"Não pode ser por causa da igreja!"

Não sei se julgou a igreja não ter importância, ou as obras não serem suficientes para o transtorno moroso e caótico nas vias públicas.

Ao revelar-se católica, e de estar muito bem informa-

da sobre a construção da nova catedral, garantiu que as obras se estenderiam por mais três anos; haveria duas entradas para as dezenas, quiçá centenas, de veículos a concorrer para as missas e celebrações.

Teci um ou outro argumento justificando o engarrafamento por conta da operação naquele lugar e do grande fluxo de veículos onde, normalmente, já era complexo; com maquinário, trabalhadores, contenções e bloqueios, a situação se tornava ainda mais confusa e desordenada. A velhota, tal qual uma ministra do Supremo, contraiu os músculos do rosto e fez-se mais obstinada em suas convicções, de nada daquilo ser culpa da nova Catedral. Há de se dizer que tudo transcorreu sem gritaria ou exaltação, mas ela não arredou um milímetro da sua teimosia.

Pus-me a refletir (ou a imaginar, devanear, como queira!); afinal, estava naquele estado de excitação em que a mente se recusa a não pensar em nada, não divagar sobre nada, e cogitei: o quanto aquela senhora, embora educada, provavelmente uma professora aposentada, seria insuportavelmente teimosa, pelo simples fato de ser teimosa? Não se trata apenas de ter ou não ter razão, mas independente dos fatos ou dos argumentos da outra pessoa os dela sempre deveriam prevalecer.

Imagine o coitado do marido, se ainda vivo, o quanto deve padecer no instante em que acorda até quando desmaia de sono, após intermináveis e domésticas contendas. Imagine se ele comenta que o dia está frio e ela responde que não está. Imagine se ele solta uma previsão de chuva, e ela diz que não. Aí chove, e ela atribui a culpa ao mau agouro do velho. As situações são tão incontáveis e prováveis que deviam ser um verdadeiro martírio: o casal às turras por todo dia... são horas e minutos que não têm fim, além de ser um desperdício.

Talvez, você recorde de um colega de trabalho, de um primo distante em visita, de uma cunhada solícita no seu afã de socializar com a família, um fiel ou irmão da igreja que "só Jesus na causa".

Enfim, somos todos previsíveis, e como disse o meu psiquiatra, ao qual aderi voluntariamente: com a idade, todos ficamos muito, mas muito piores.

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



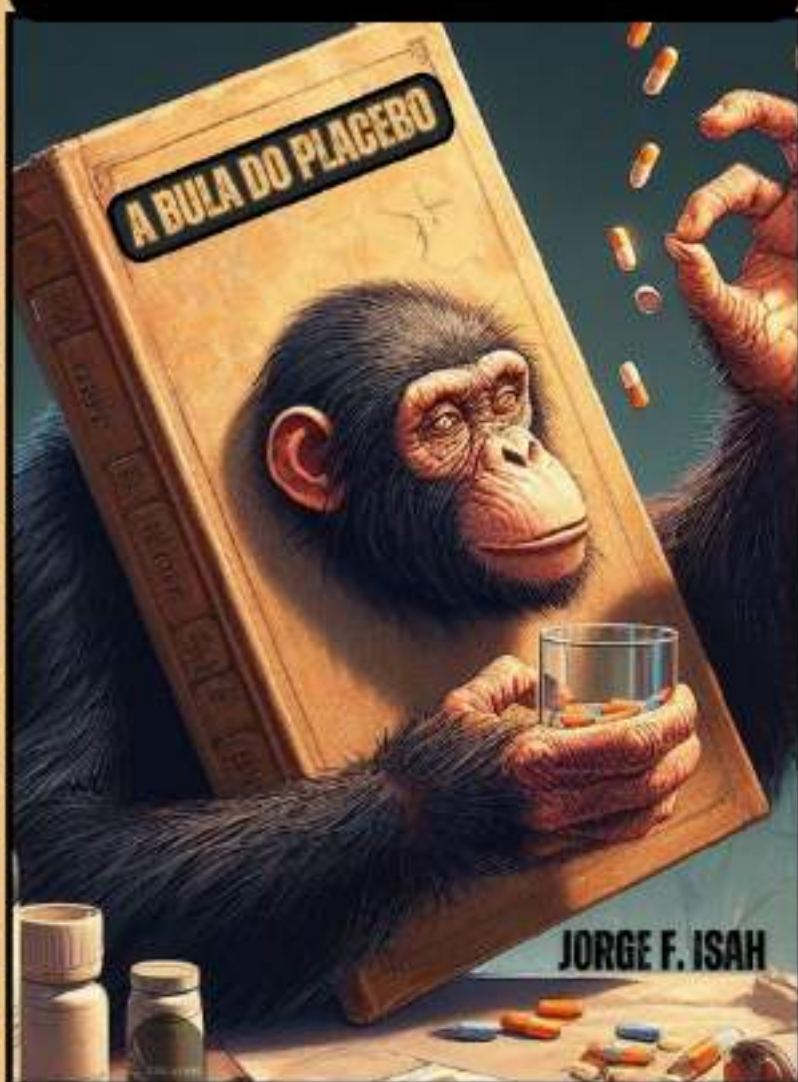
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo de que tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!
NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

As "duas" mortes de Sísera

- Breve comparação entre narrativa e poesia bíblicas -

Leonardo Bruno Galdino



Reparem nestes dois textos do livro de Juízes sobre a morte de Sísera, comandante do exército de Jabím, rei de Canaã, que estava em guerra contra Israel. O primeiro é narrativo; o segundo, poético (um salmo, na verdade, composto por Débora e Baraque).

"Então Jael, mulher de Héber, pegou uma estaca da tenda e, lançando mão de um martelo, foi de mansinho até perto dele [de Sísera] e lhe cravou a estaca na têmpora, de modo que ela penetrou na terra. Ele estava exausto e dormia profundamente; e foi assim que morreu." (Juízes 4.21 – NAA)

"Ela estendeu uma das mãos e apanhou a estaca, e, com a mão direita, pegou o martelo dos trabalhadores. Golpeou Sísera, rachou-lhe a cabeça, furou e atravessou-lhe as têmporas. Aos pés dela ele se encurvou, caiu e ficou estirado; a seus pés se encurvou e caiu; onde se encurvou, ali caiu morto." (Juízes 5.26-27 – NAA)

No texto narrativo, temos que Sísera foi morto enquanto "dormia profundamente". Já o segundo nos diz que, aos pés de Jael, Sísera "se encurvou, caiu e ficou estirado", dando a entender que ele ainda estava de pé quando foi atacado. Quem está com a verdade, afinal?

Ambos os textos. Pois o texto narrativo está descrevendo o fato, o instante puro, enquanto o poético está condensando a realidade em linguagem simbólica.

Um pouco antes no capítulo 4, Débora havia dito a Baraque que "o Senhor entregará Sísera nas mãos de uma mulher" (v. 9). E de fato foi o que aconteceu: as tropas de Sísera foram derrotadas e este "fugiu a pé para a tenda de Jael, mulher de Héber, o queneu, pois havia paz entre Jabim, rei de Hazor, e a casa de Héber, o queneu" (v. 17). O que o cântico de Débora e Baraque faz em Juízes 5.27 é tão somente criar uma imagem da espiral descendente de Sísera: aquele que chegou em pé

diante de Jael, encurva-se, cai e por fim termina estirado, mortinho da Silva. É a ação em imagens. É imaginação. É poesia.

Há pelo menos mais dois detalhes interessantíssimos no texto poético. O primeiro é a "taça de príncipes" onde Sísera bebeu o leite oferecido por Jael (Jz 5.25). No texto narrativo, diz apenas que ela "deu-lhe de beber" de um odre de leite (Jz 4.19). O detalhe da taça no texto poético faz toda diferença inclusive para entendermos melhor o texto narrativo, pois revela a astúcia de Jael em se mostrar amiga de Sísera dando-lhe do bom e do melhor quando ele, na verdade, havia lhe pedido apenas água.

O segundo detalhe, e este só aparece no texto poético mesmo, é a expectativa da mãe de Sísera ante a demora do filho em retornar com os seus carros da batalha (Jz 5.28). Ela e suas damas (princesas) começam a achar que Sísera estava ocupado recolhendo os despojos de Israel, que incluíam mulheres e tecidos coloridos e bordados para Sísera e até mesmo um cachecol para sua esposa (Jz 5.29). Mas Sísera – santa ironia! – estava mesmo era envolvido com o cobertor que Jael lhe colocou (Jz 4.18). Um cobertor com as cores da morte. "Duas" e a mesma morte.

Bilhete pensando naqueles que

"vestem-se de violência como de adorno"

Luiz Libório Alves da Silva

Não se orgulhe do seu caráter violento. Não considere corajosa a sua postura de atizar guerras e arquitetar contendas por onde passa; essa, pelo contrário, é apenas a índole covarde de quem não consegue habitar a paz e por isso quer transtorná-la.

Digo isso porque, cansado por ver a belicosidade de alguns homens que se dizem cristãos, repito em meu coração o versículo 6 do Salmo 120 ("A minha alma bastante tempo habitou com os que detestam a paz") e pergunto:

Por que vocês detestam a paz?

Por que a vossa língua enrola-se no cardume das horas e o veneno escorre viscoso pelo vosso queixo?

Por que usam o santo nome de Deus para justificar vosso odor de morte?

Eu também fico com raiva, claro. Mas não me orgulho disso, pelo contrário, me envergonho quando acontece.

"Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus" (Tiago 1:20).

Qual é, portanto, a razão em haver vaidade nos que se fazem filhos da guerra?

Mesmo que os mais raivosos tenham posição de destaque em nosso século doente, não devemos louvá-los; mesmo que os mais raivosos ganhem prêmios, não devemos segui-los.

Já que "Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus", conforme Mateus 5:9.

Nós, tais filhos de Deus, fomos chamados para a paz.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

Miserável homem que sou

Roberto Vargas Jr.

Eu não tenho muita simpatia pelas pessoas. A maioria delas é obtusa por demais. A maioria delas é grosseira demais. E se estão em qualquer ajuntamento, isso fica ainda pior. Há uma certa aversão venal em mim quando as vejo. E a aversão é recíproca. Eu não provoco simpatia nas pessoas. Isso parece sugerir um total afastamento meu para com os da minha própria espécie. Prefiro livros a gente! Mas será mesmo assim?

Presenciei um longo debate que procurava estabelecer se um cristão é, em algum sentido, diferente de um incrédulo. Considero mesmo inacreditável que tal questão seja posta, ainda mais em círculos reformados. Não há diferença alguma entre o eleito e o réprobo. Ambos são filhos de Adão e padecem de sua herança: uma natureza completamente pervertida. É claro que o cristão foi transformado. Mas a transformação não é sua. Não é em sua natureza que se pode encontrar uma diferen-

ça. Mas no Cristo e em Sua obra no que crê. Que fique claro: se largado à minha natureza não encontrarei nada melhor do que encontro nas pessoas por quem não nutro simpatia.

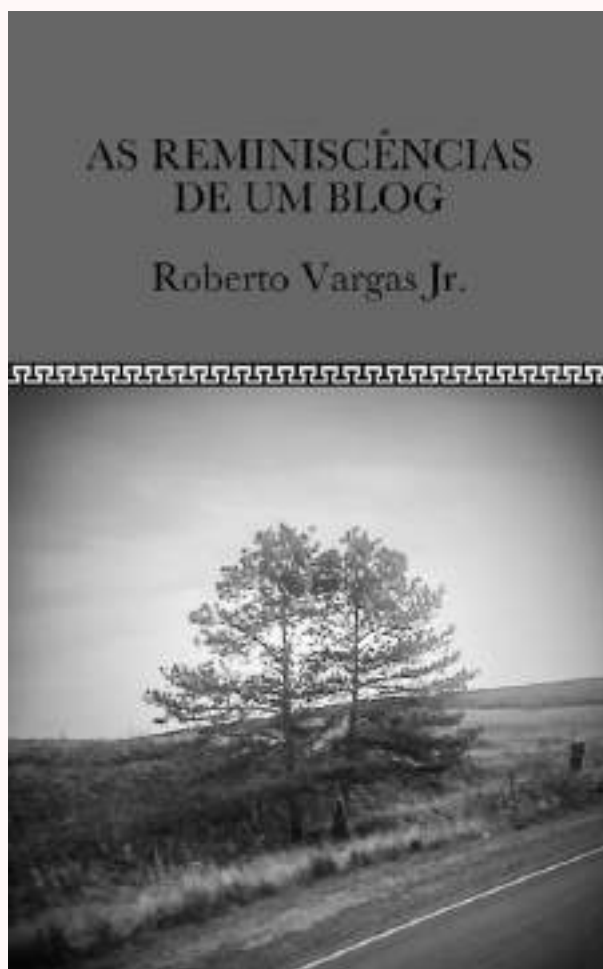
A verdade do Evangelho não se percebe porque os eleitos não pecam, mas porque pecam. Não vivemos na prática do pecado e odiamos quando o cometemos. Mas jogue a primeira pedra quem está livre dele por completo. No Corpo de Cristo há quem lute mais e quem tenha menos a combater em si mesmo, conforme a graça de Deus lhe permitir. Mas não se engane aquele que pensa estar de pé... Então que tipo de afastamento é este que tenho das pessoas?

No máximo, é um horror pelo que vejo como se estivesse diante de um espelho. É verdade, eu não gosto delas. Mas quem disse que amar é o mesmo que gostar? Há entre mim e as pessoas de quem não gosto uma identidade tal que só assim é possível ter compaixão. Só assim é possível olhar para elas e perceber que precisam da salvação que me encontrou. Amá-las é querer para elas o que Deus me deu, dado por misericórdia e graça.

Há muito conheço o mito do bom selvagem. Tenho

visto também o discurso do poderoso homem livre. E desde que nasci tenho me incomodado com o evangelho-moral. É um espanto, porém, que totalmente depravados se considerem diferentes por terem sido salvos de si mesmos. Mas a quem reconhece sua miséria é possível misericórdia!

Nota: De "As reminiscências de um blog". Livro disponível em [amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em <https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



LANÇAMENTO



Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon

"A GRANDE JORNADA"

Aldair Ribeiro Santos

A OBRA:

"A Grande Jornada" (1850), de John R. MacDuff (1818-1895), é uma obra de alegoria cristã, uma ficção cristã, que encanta pela criatividade e profundidade – inspirada no clássico "O Peregrino" (1678) de John Bunyan, convida o leitor a caminhar, passo a passo, por uma estrada espiritual que reflete as lutas, medos e esperanças da vida cristã. É para quem já leu "O Peregrino" e busca algo com metodologia semelhante, mas com personalidade própria e não uma cópia do clássico. MacDuff dialoga com Bunyan, sim, mas oferece cores, passos, personagens, situações e lugares diferentes.

A narrativa simbólica de "A Grande Jornada" é cheia de portões, vales, montanhas e cidades que representam as provações interiores do Peregrino (o cristão em sua caminhada rumo à eternidade).

Desde o Portão Estreito, o leitor é conduzido por

lugares como o Vale das Lágrimas, enfrenta tentações, atravessa a Cidade da Carnalidade, recebe ânimo na Câmara da Esperança, chega às Colinas Eternas – cada cenário traz lições de sofrimento, perseverança, fé e consolo.

Personagens como Graça Imerecida e Teófilo são companhias de viagem, são espelhos do que significa depender da misericórdia de Deus e não na própria força; e figuras como o Antinomiano ilustram os perigos de desvios doutrinários.

MacDuff constrói sua história com um toque poético e parábolas ricas em símbolos, mas sempre bíblico e meditativo. A linguagem consegue ser acessível, com imagens que ficam na mente: as trevas do vale, os rios turbulentos, os portões que acolhem, o palácio do Salmista Real...

A leitura requer disposição para meditar, parar, refletir; não é uma leitura superficial de entretenimento. Foram acrescentadas muitas notas de rodapé com as referências bíblicas, quando estas (ou seus ensinamentos) aparecem no texto.

"A Grande Jornada" é um convite: para lembremos

que a vida cristã não é um trajeto sem percalços, sem escolhas duras, sem sombras – mas também, que há companhia, consolo e beleza, mesmo antes de chegarmos à Nova Jerusalém. MacDuff oferece mais do que uma história, oferece uma bússola moral e espiritual para quem caminha no "Caminho Estreito". Para quem se dispõe a ler com coração atento, será uma leitura que enriquece, desafia, consola – e, por fim, aponta para além deste mundo, até a eternidade.

O AUTOR:

John R. MacDuff (1815-1895) foi um teólogo escocês formado pela Universidade de Edimburgo, ordenado ao ministério da Palavra e pastor nas igrejas de Kettins, St Madoes e Sandyford. Após isso, então em Glasgow, dedicou-se inteiramente à escrita. Autor de mais de uma dezena de livros, compôs mais de trinta hinos. Também foi eleito pela Assembleia Geral da Igreja da Escócia para compor seu importante Comitê de Hinos. MacDuff foi recomendado por Charles Spurgeon, "o príncipe

dos pregadores", que leu mais de cem vezes "O Peregrino", de Bunyan, com as seguintes palavras: "Para momentos de leitura santa e deleitosa, recomendo MacDuff!".

A EDIÇÃO:

Publicado pela Editora Reforma Publicações, com 112 páginas, em 2024.

O nome original da obra é "A grande jornada - uma alegoria da peregrinação cristã ou uma peregrinação pelo Vale de Lágrimas até o Monte Sião, a cidade do Deus vivo", mas foi abreviado para "A Grande Jornada."



WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010

“Eu sou JORGE MICHEL”

José Geraldo Hera

“Eu sou JORGE MICHEL” dessa forma, esbraveja meu amigo Michel, batendo no peito, parece que o velho coração vai explodir, quando nos apresenta suas convicções. Sobre o que? Qualquer assunto. É conhecedor de tudo um pouco, por isso o peito apanha o dia inteiro.

Certa vez, Michel estava a pescar com os amigos Lú Braga e o saudoso Dinado (sobre o qual escrevi uma crônica chamada “Uma piada sem graça”) lá no Mato Grosso, especificamente, no Rio Vermelho. Cabe ressaltar que meus amigos são pescadores, ou grande parte deles. O caso é que Michel pegou um peixe grande, lutou para trazê-lo ao barco, quando pegou a linha para cortar, segurou pelo encastado (um fio de metal não muito grande que liga o anzol à linha), nenhum problema, se não fosse o peixe ser elétrico. O pobre do meu amigo tomou um choque e ficou uns três minutos tremendo dentro do barco.

Segundo estudos, um peixe elétrico pode dar descargas de até 600 volts. É muita tensão, no sentido literal, pois deve ter sido tenso o momento do episódio. Como dito por ele, não foi dessa vez que a morte o levou, aliás, a morte deu uma esquecida nele, haja vista já fazer uns quinze da eletrização.

Bom, fato é que outras pescarias vieram e virão, mas devo alertar que até os mais experientes redobram os cuidados e respeito com os rios, pois sabem dos perigos que há por lá. Não arrisque, talvez você não aguente um choque desse. Ou talvez sim.

Jorge, onde está? O vi na praça há pouco tempo, batendo no peito eletrizado, gritando "EU SOU JORGE MICHEL"

Geraldo Hera, escritor, professor de inglês e português, poeta e letrista.
jherarezende@gmail.com



PROFISSIONAIS DO SEXO

Neste número, o **Bulunga Repórter** vai tratar de um tema polêmico, que é a vida dos Profissionais do Sexo. Nos tempos dos nossos avós, falaríamos das atividades das "casas da luz vermelha", onde trabalhavam as "mulheres de vida fácil", mas, hoje em dia, o espaço é disputado palmo a palmo com os homens, que resolveram entrar para a profissão, mas a coisa pode não ficar tão fácil para eles, na hora em que precisarem simular uma ereção.



Apesar das dificuldades enfrentadas, com base nos depoimentos que obtivemos com esses "profissionais", podemos afirmar que a atividade é bem mais tranquila do que bater uma laje ou encarar um tanque de roupa suja.

Realmente, não é tão fácil ter que aceitar clientes feios, que fedem, que são chatos de galocha, que falam que nem pobre na chuva ou pensam que um profissional do sexo é um terapeuta, e choram como crianças. Existe ainda aqueles que pedem para fazer algumas coisas constrangedoras, como ouvir "A Hora do Brasil" durante o ato, entre outras bizarrices.

Mas o dinheiro não vem com tamanha facilidade, pois são, normalmente, explorados por seus rufiões, por traficantes e, principalmente, pela polícia, que aproveita a questão da ilegalidade para garantir um "extra", na forma de extorsão.

E a realidade deles não é nada parecida com o fantasioso romance do filme "Pretty Woman", onde um belo milionário, interpretado por Richard Gere, aparece do nada para transformar a vida de uma bondosa rameira, vivida por Júlia Roberts.

Existem clientes que levam flores e presentinhos, e

ficam enciumados quando a garota está atendendo outro cliente; também não é incomum que mulheres, na maior parte divorciadas e acima dos 50 anos, levem buquês de flores com cartões apaixonados e pedem para que entreguem a elas, quando fingem estar surpresas.

Políticos ligados à ala progressista lutam para regularizar a profissão, e argumentam que é um trabalho extremamente relevante para a sociedade, sob o argumento de que serve para aliviar a energia acumulada pelos usuários, que poderiam estar se dedicando à prática dos mais variados delitos. Ou votando na oposição.



Com isso, tentam garantir, por meio de projetos de lei, que os profissionais do sexo tenham preferência na classificação em concursos públicos, vestibulares e disputas eleitorais, além do direito ao recebimento das mais variadas benesses.

Já os conservadores acreditam que a prostituição seja a razão da dissolução da sociedade, pois está ligada ao crime organizado, ao tráfico de drogas e à corrupção. Contudo, a tendência é que sejam voto vencido no Congresso, pois o número de parlamentares cujas mães atuam nessa profissão representa uma larga maioria.



QUANTIDADE DE IGNORÂNCIA

Fizeram um estudo aí, e o resultado foi que o QI médio do brasileiro é de 83 pontos, inferior a alguns macacos, que pode chegar a 93. Está explicado por quê os resultados das eleições são tão ridículos, visto que o povo consegue ser facilmente enganado por ladrões que estão sempre prometendo o que jamais cumprirão, sendo que qualquer macaco sacaria essas malandragens na moleza.

Uma amostra de que isso é a mais pura verdade é que, recentemente, doei uma Smart TV para um casal conhecido, votante, que mora no interior, e no mesmo dia a mulher me liga dizendo que não estava funcionando. Vale dizer que ela possui segundo grau completo e ele, primeiro grau incompleto.

Perguntei se havia uma antena interna ou externa em sua casa, e ela disse que não. Perguntei se possuía sinal de internet ou TV por assinatura, e ela disse que também não. Perguntei se algum vizinho poderia "dividir" com ela o sinal de internet, e disse que sim.

Mas não passou meia hora e ela retornou dizendo que havia tentado, mas não conseguiu. Perguntei se tinha o nome da rede e a senha da vizinha, e ela não sabia o que era isso.

Mais tarde, ligou novamente, falando que a vizinha não queria "dividir" com ela o sinal, obviamente. E que era uma vaca. Eu alertei que vacas não tinham sinal de internet, e sugeri que ela contratasse um.

Expliquei que não bastaria contratar um serviço de internet, porque era uma "Smart TV", e que poderia usá-la até mesmo como um computador, caso a conectasse a um teclado, mas se quisesse assistir os canais abertos, poderia contratar uma TV por assinatura, também conhecida como TV a cabo, apesar da maioria das operadoras, hoje em dia, só trabalharem com sistema digital, por satélite ou fibra ótica. Piorei a situação.

Dois dias depois, ela ligou novamente, dizendo que havia contratado o serviço de internet, mas a televisão conti-

nuava não funcionando. Lembrei a ela que só a internet não bastaria, pois precisaria ter um plano de TV por assinatura. Ela disse que não teria dinheiro para pagar as duas coisas, e assim, com a maior paciência do mundo, ensinei a entrar no Youtube, informando que ela teria que configurar com a sua conta da Google, colocando login e senha. Ela não sabia quais eram.

Expliquei que ela deveria ao menos se lembrar do seu login, e para isso bastaria verificar na caixa de e-mails do seu smartphone. Depois ensinei a clicar em "esqueci a senha" e a criar uma nova. Ela disse que só sabia ligar e desligar o telefone. Que haviam feito um e-mail para ela, mas que não sabia entrar. Tive que ensinar o "passo a passo". Foram aproximadamente mais quinze telefonemas.

Por fim, conseguiu! Ela entrou no YouTube, viu alguns vídeos, mas falou que não conseguia acessar a Globo e o SBT. Expliquei pela enésima vez que, para isso, precisaria contratar um serviço de TV por assinatura, e ela disse, uma vez mais, que não teria dinheiro para contratar as duas coisas.

Sugeri, por fim, que fosse até uma lojinha no centro da cidade e comprasse uma antena interna, que custaria

algo em torno de R\$35,00.

Ela comprou a antena mas não sabia como conectar. Pedi para ela tirar uma foto da parte traseira da TV e outra foto da extremidade do cabo da antena. Era um cabo coaxial. Apontei onde deveria conectar e, depois de muita dificuldade, funcionou. Ela disse que a imagem estava "chuviscada" e mostrei a ela onde ficava o seletor, para ir girando até que a imagem ficasse mais nítida.

Esqueci de dizer que, durante todo essa conversa, o marido tentava ajudar, mas só piorava a situação.

Hoje ela assiste os sinais de TV Aberta usando um Bombril na ponta da antena interna.



HIPOCRISIA

Aldair Ribeiro dos Santos



Na Diretoria, Júlia olha firme para a professora. Olhos cheios de revolta. "Julinha, você tem coragem de mentir, querida?". Júlia lembra os fatos anteriores em sala de aula.

Júlia gosta de falar, quer ser jornalista porque jornalista "fala muito". Ruídos, conversas, debates, conflitos. O calaboca da professora estoura várias vezes. Sirene. Turma saindo. A professora briga com a menina conversadeira. "Porque a professora está assim?" – pensa. No meio da bronca, Júlia fala, gesticula, dá uma resposta. A mão voa, choque surdo, dor. Um tapa! A professora lhe deu um tapa! As colegas já tinham saído. Ninguém viu. Choque. A professora se

vira e sai. "Estressada", assim chamavam aquela professora.

Júlia paralisa, sem acreditar. "Ela não podia fazer isso comigo", "não pode me bater aqui na escola" – pensava, acordando do choque – "não pode me bater em nenhum lugar". O choque vira revolta. A revolta vira choro. O choro vira firmeza e determinação. Vai à Diretoria. Chorava de raiva.

"A professora me bateu, me deu um tapa!". Lágrimas rolam, o corpo treme. A diretora manda chamar a professora. Simula uma acareação já sabendo do resultado. Ela confiava nos seus professores. "São todos profissionais pós-graduados e éticos" – sempre dizia.

"Julinha, você tem coragem de mentir, querida?" – disse a professora. Olho no olho. As duas sabiam o que aconteceu, mas a professora disse pelo olhar: "jamais acreditarão em ti, gurá conversadeira!". Assunto encerrado. A diretora agradeceu à professora e passou o maior sabão na Júlia.

A caminho de casa, Júlia sabia que sua mãe não acreditaria. Se a mãe tivesse que ir à escola, era surra certa. A raiva escorria com as lágrimas. "Não há uma máquina para medir a verdade das crianças e um tribu-

nal para julgar as professoras injustas e mentirosas?"- pensava.

Perto de casa o coração já estava aliviado. Não tinha outro jeito. Se engolir a raiva dá indigestão no coração. É pior.

Ao entrar em casa fez uma oração agradecendo ao Pai do céu pela professora. Esta havia lhe ensinado uma lição inesquecível, através da qual aprendeu o real significado de uma palavra nova que conhecera outro dia. Júlia aprendeu muito bem com a professora o significado da palavra "hipocrisia".

Aldair Ribeiro dos Santos

Contista, poeta e pedagogo, membro da ALACA - Academia de Literatura Cultura e Arte da Amazônia, autor do livro polêmico e contundente "A impossível tarefa de fazer gestão democrática na escola - e outras considerações impossíveis".

aldairars60@gmail.com



A terra brasil, o sacerdote de preto e a profanação do deus da democracia

Trabalho de história: memórias dos nossos pais

Aluno(a): Cassandra Vates – 7º ano A – Escola Vida Nova

Professora: Aline Cinturinha

Meus pais contam que saíram de certo lugar que era perigoso para se viver. O nome dessa terra se dava, dizem, por causa de uma árvore cuja madeira tinha cor de brasa. A região em que meus pais moravam era muito, muito quente, como a brasa, realmente brasil. O trabalho que meu pai tinha por lá é complicado de explicar, preciso entender melhor, mas ele passava o dia pensando, lendo e escrevendo, e recebia por isso. Mas alguns achavam isso uma ameaça gigante.

A terra da brasa era uma nação com muita diversidade, e meus pais achavam isso muito bom, pois assim eles podiam ter certa liberdade, afinal, era a única forma, ao que parece, de tanta gente diferente viver em paz. Mas, pelo que entendi, o povo não sabia — ou não gostava — tanto assim sobre liberdade. Mamãe diz que liberdade dá um trabalhão, que é preciso crescer muito para saber

ser livre. Não pode ter preguiça não. E esse povo vivia buscando ideais ou personagens para mandarem em tudo em suas vidas: o que tinham que ler ou estudar nas escolas, como deveriam trabalhar, as músicas que poderiam ouvir, a melhor religião a seguir etc. Ah, a religião foi o começo de tudo, para que meus pais saíssem de lá.

Como eu disse, havia muitas ideias e, por isso, uma necessidade de liberdade. Mas o sistema de governo, que deveria reger tudo da melhor forma, e para todos, era meio estranho, ninguém sabia direito quem mandava. Alguns achavam que mandavam, aí vinham outros e desmandavam. Uns maiores mandavam mais, mas muitos menores, quando juntos, mandavam ainda mais. E assim seguia, ora um manda, ora outros. Não era nada perfeito, mas dava para se viver com certa paz, ter amigos de todo tipo e tocar a vida. Até que um sacerdote de uma religião chamada democracia, se sentiu muito ofendido, quando teve a estátua de seu deus profanada em uma praça. Isso acontecia o tempo todo, com os deuses de todos, mas esse sacerdote não estava para brincadeira.

Ele tinha muito poder, e acabou prendendo muita gente

Ele tinha muito poder, e acabou prendendo muita gente que, segundo ele, estava ferindo a liberdade do povo. E como ninguém sabia quem mandava ou desmandava, as coisas foram piorando. O que já era complicado, ficou insuportável. Aprendemos na escola que muita coisa ruim já foi feita em nome dos deuses, mas essas coisas sempre parecem tão distantes da gente...

Liberdade é uma coisa complicada, principalmente para nós, ainda crianças. Preciso aprender muito, ainda.

Dizem meus pais que a democracia era uma religião com muitos seguidores, e tinha muitos deuses e seitas nessa crença. Esse sacerdote, segundo os boatos, gostava de vestir preto, e andava sempre furibundo. Será que lhe faltaram abraços? Parece que ele já andou por outras crenças, e contam que ele era do mesmo jeito. Deve ser coisa dele mesmo, tem gente que é assim, cabeça dura. Papai diz com ele: "cabeça dura". Mamãe responde: "cabeça cheia de nada".

Esse homem de preto ficou meio louco, começou a perseguir todos os chamados "antidemocráticos". A confusão foi grande e envolveu gente de todo tipo, políticos, jornalistas, artistas, "gente comum" também. Se antes dava para se viver mais ou menos em paz, mais

ou menos livre, naquele momento era difícil até para ter amigos muito diferentes. A loucura do sacerdote parecia ser contagiosa, e todos ficaram meio desconfiados uns dos outros, se fechando em seus grupos, como forma de defesa.

E como eu já disse, o trabalho do papai era pensar, e ele pensou e concluiu que, no final das contas, ninguém queria nada de liberdade, pois dá um trabalhão, e é preciso ser gente grande e esperta para isso, não é para todo mundo. As pessoas não se incomodavam com a tirania, se incomodavam com a tirania do sacerdote da democracia, pois no fundo no fundo, segundo papai, todos queriam que seus sacerdotes estivessem no lugar do "cabeça cheia de nada". Sei lá, papai é meio exagerado, e mamãe concorda comigo. Ela diz que faz parte do trabalho dele.

Papai cometeu a ousadia de escrever isso, feriu a vaidade de muita gente, e ficou malvisto. Ele, que já era meio isolado, precisou se exilar de vez. E aqui estamos nós.

Esse é só um resumo das memórias da minha família, sobre esse ocorrido, mas como tenho limite de páginas para escrever, não conseguirei detalhar muito, até por-

que o assunto é bem confuso. Deixo, em anexo, um texto de meu pai, com mais detalhes dessa história.

Anexo

Respiga de liberdade

Respigadores foram ao campo
Respigar o que restou
Ao campo da liberdade
Onde a chuva não passou
Baldaram a levar os cestos
Pois o nada sobejou

Eis que grande é a seara
E os ceifeiros poucos são
A seara de muitas vozes
Foi colhida desde o chão
Competentes são as foices
Não sobrou sequer um grão

Valha! o campo é um deserto
Em tal seca ali findou

Da raiz amordaçara
O ruído não brotou
Germe algum ali escapa
Do torrão não transpassou

Aí, meu Deus! a fome veio
E com ela a inanição
E o silêncio na seara
[...]

Bucho vazio não faz canção
Não restou nenhuma voz
Pra fazer uma oraç[...].

Anderson C. Sandes — Pedagogo, poeta, cronista, ensaísta e autor de "Baseado em Fardos Reais", "Arte e Guerra Cultural: preparação para tempos de crise" e organizador da Antologia "Quando Tudo Transborda". Seus principais temas de estudo são: arte poética, história da literatura e estética.

andersonsandres.com.br



Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

ODEIO FUNK



Já mencionei em outros artigos o quanto odeio funk. Odeio funk. Odeio funk. ODEIO! É um ritmo primal, uma batida estúpida, misturada com buzinas de caminhões, gritos de feirantes e sons estranhos, por vezes produzidos pelas bocas dos "artistas", por sintetizadores e outras fezes eletrônicas. A base é sempre a mesma: uma batida seca, que não tem nada a ver com samba, ou então é uma espécie de bumbo, que dá um som extremamente grave, mas não ritmado. A coisa quase sempre começa com esse bumbo, que eu sei que é "eletrônico", e dá umas cinco ou seis batidas, dá uma parada por um ou dois segun-

dos, dá mais duas ou três batidas, para de novo, e aí o bicho pega, a coisa vira um caos total, fazendo o povo chacoalhar com espasmos de zumbi, e neste intervalo entram os outros barulhos, gritos, buzinas, latidos de cachorros e coisa e tal.

E as letras são mais imbecis ainda, geralmente associadas aos crimes de tráfico, de estupro, de assaltos à mão armada e outras modalidades, mas também falam de sexo da forma mais grosseira possível, e os amantes do funk escutam essas coisas, ficam excitados e vão se acasalar, produzindo uma nova raça de monstros acéfalos.

Em uma dessas músicas, que fez muito sucesso, anos atrás, a feirante grita para o seu parceiro "tô ficando



atoladinha, tô ficando atoladinha", enquanto o parceiro responde "calma, calma, foguentinha". Fico imaginando o que Vinícius de Moraes pensaria sobre isso.

A classe alta descobriu o funk ao subir o morro para comprar drogas, e assim esse ritmo foi impulsionado pela "indústria", que investiu em uns caras feiosos com caras de traficantes e ainda colocaram umas raimundas para "dançarem até o chão".

Meu apartamento faz fundos para uma Universidade, e nesta "semana da criança", comemorada junto com o "Dia do Professor", fizeram seis dias de bagunça, ou melhor, orgias. Jogos estudantis, gincanas, beberagens, etc., e muito FUNK. O som na maior altura, começando às 11 da manhã e indo até as 22 horas. Eu disse SEIS DIAS. Você sabe o que são SEIS DIAS ouvindo essa música desgraçada? Ah, eu falei música: desculpem-me pelo equívoco. Não vai se repetir.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



Abstrações

Glaysen Carneiro Marcelino

Escrever sobre si mesmo e para si mesmo é uma luta inglória. As vezes nos descortinamos e saímos do papel de vítima e nos colocamos também como nossos próprios acusadores e juizes. Há momentos nos quais esquecemos de nós mesmos no banco dos réus e como juizes rigorosos, aplicamos as penas mais austeras em vingança por termos feito algo que nos levou ao inquérito.

O pós-julgamento é tão perturbador, pois como todo condenado que se preze, pedimos misericórdia, soltura ou abrandamento do referido castigo, ainda que sejamos total, parcialmente culpados. Em algumas vezes chegamos a inventar contravenções, trapaças ilusórias para testar a nossa resistência, sanidade ou grau de nossa loucura.

Arranjamos testemunhas que são as impressões que os outros têm de nós. O júri geralmente é o que vão pensar de nós. A vergonha, o fato de querer agradar e o escrúpulo humano são uma contestante a nos algemar e

dando-nos a função de tristes executores.

Escrever é uma arena de conflitos e os gladiadores são partes do EU. É um circo romano no qual fazemos de César, que quer divertimento macabro; a plateia que vocífera para aliviar a dor da vida; até aquele que é jogado às feras e os que esperam o sinal de clemência ou de execução.

Seja como for, um dia não sairemos vivos dessa, pois para o mal teremos muitas vozes a nos condenar, além de nossa consciência e poucos para rogar por nós. Vida que segue até nosso último suspiro, nessa prisão sem muros.

- Contos perdidos: 2ª edição - São Paulo - Editora Distúrbio - 2022 -

Glaysen Carneiro Marcelino
Formado em Letras, professor de
Língua Portuguesa SEE MG.
Amo escrever, ler, jogar, cantar,
compor e fazer amizades.



RECEITA

PÃO ITALIANO



Você se acha capaz de fazer um pão como esse, da foto? Não? Então deixe de lado este artigo. Mas se você acredita que consegue fazer um pão até MELHOR, basta seguir os procedimentos que vou sugerir, pois você precisa ser ousado(a) para criar coisas novas, tomando como base uma simples referência.

A receita deste pão é a coisa mais simples do mundo, e você poderá aproveitar a massa para fazer pizzas deliciosas, inventar recheios e outras criações. Mas vamos para os ingredientes:

- 1 - Um quilo de farinha branca italiana (não use farinhas brasileiras, que geralmente são péssimas);
- 2 - Três colheres de azeite virgem de boa qualidade;
- 3 - Uma colher pequena de sal;
- 4 - Uma colher de sopa de açúcar;
- 5 - Uma colher de sopa, rasa, de fermento biológico;
- 6 - Aproximadamente 800 ml de água morna (36°).

Coloque em uma bacia a farinha (reserve um pouco, para ajustar a massa ao final e polvilhar). Coloque o sal, o açúcar, a metade da água morna e o azeite. Mexer com uma espátula. Colocar o fermento e mais água, até a massa ficar "pegajosa".

Essa é a hora de colocar a mão na massa. Mexa bastante: a massa grudará muito nas mãos. Com o tempo ela tende a se soltar, e você vai administrar isso colocando mais farinha ou água (caso fique muito mole ou seca).

Depois de uns cinco minutos amassando, e a massa não estiver grudando tanto (ainda grudará um pouco), faça uma "bola" e deixe descansando na bacia, coberta com pano, por 40 minutos.

Molhando sempre as mãos com água, para não grudar, puxe as extremidades da massa das beiradas para o

centro, como se fosse fechar um envelope. Faça esse procedimento por cerca de 10 vezes e coloque novamente para descansar por 10 minutos. Você vai repetir este procedimento mais 3 vezes.

Agora pegue a massa, faça uma bola, coloque em uma panela grande, previamente untada com azeite. Faça alguns cortes na superfície da massa usando uma lâmina de barbear ou uma faca fina. Por fim, polvilhe a superfície com farinha. Cubra a panela com um pano e deixe a massa crescer por cerca de 40 minutos.

Ligue o forno a 230° e deixe aquecer por 5 minutos. Coloque a panela com uma tampa que não tenha madeira ou outro material que possa queimar. Deixe assar por 20 minutos, e coloque dentro do forno uma vasilha com água, pois isso ajudará a dar a "crocância" na casca.

Depois de 20 minutos, retire a tampa e a vasilha com água e deixe assar por mais 20 minutos (até o pão dourar; se precisar, deixe mais alguns minutos).

Durante esses últimos 20 minutos, dê umas três borrifadas leves com água filtrada sobre a superfície do pão: isso deixará a sua casca ainda mais crocante.

Agora é só comer.

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

Nesta semana morreram dois familiares de pessoas da minha igreja. São pessoas atuantes, conhecedoras da Bíblia, que promovem a evangelização e representam bons exemplos de cristãos. Pediram orações pelos familiares, que estavam doentes, e todos oraram, mas, infelizmente, não resistiram. Foi muito triste.

É nessas horas que algumas pessoas são levadas a pensar que de nada valem as orações, pois quando a coisa tem que acontecer, acontece. Algumas chegam ainda a pensar que Deus não é bom, e se revoltam, e acabam abandonando a fé. Não é o caso desses dois membros da igreja.

Temos que ser fortes. Temos que confiar que Deus tem um propósito para cada um de nós. E não podemos nos esquecer de orar. Orar não só para

pedir, mas para agradecer por estarmos vivos, por termos o que comer e onde dormir, até que chegue a nossa ora, lembrando que a morte é um destino inevitável. E o mais importante: existe VIDA após a morte.

O problema é que tem muita gente que está apegada a esta vida, por mais ruim que seja, e segue o lema de Zeca Pagodinho, que diz: "deixe a vida me levar, vida leva eu".

Não são poucas as pessoas que frequentam uma igreja porque temem que Deus as castigue se não forem, e que carregam uma Bíblia como se fosse um talismã. Mas ainda estão em situação melhor do que outras, que nem isso fazem, mas não é o suficiente. Mais do que temê-Lo, temos que aprender a amá-Lo acima de todas as coisas. O negócio então é manter na memória o amor pelos que se foram, aprender a amar a si mesmo e também aos que estão ao nosso redor. Se couber algum espaço, ame todo mundo, porque isto vai lhe fazer muito bem.

PIADAS TRISTES

- Meu filho! O que aconteceu com você? Por quê foi preso?

- Mamãe, eu participei de uma manifestação contra o governo e critiquei algumas autoridades em minhas Redes Sociais.

- Oh, meu filho! Que tragédia! Isso poderá lhe render entre 14 e 24 anos de prisão!

- Ah, mãe eu tô zoando: na verdade, só estuprei e matei uma criancinha e escondi o corpo dela em uma cisterna desativada.

- Ai, que alívio, meu filho. Com isso você só vai pegar uns 4 anos de prisão, mas deve sair em poucos meses, por bom comportamento.

-Sabe qual a diferença entre um militante do MST e um saco de esterco?

-Não.

-O esterco serve para usar na plantação e aumenta a produção.

-E o militante do MST?

-Não serve para nada.



coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, ontem fui ver um desenho de animação na Netflix com minha filha de sete anos, e fiquei um pouco assustada, pois o personagem principal era um "transgênero", que fazia a maior propaganda de sua condição. E também havia homens se beijando. Será que precisavam mostrar essas coisas em uma produção direcionada a crianças?

Nelson - Para aqueles que apoiam a pedofilia, nunca é cedo demais para "prepararem" as suas vítimas.

O meu cachorro anda me estranhando, mas quando o meu vizinho aparece lá em casa ele fica todo assanhado, abanando o rabo. O que será que está acontecendo?

Nelson - Acho melhor você fazer esta pergunta para a sua mulher.

Inventei um aparelho com apenas duas teclas, que permite que o meu cachorro escolha entre comer ração e sair para fazer cocô e xixi. Será que conseguirei patentear esse aparelho e ganhar algum dinheiro com ele?

Nelson - Com essas eleições para Presidente, no ano que vem, você pode tentar vender esse invento para o TSE, para que o eleitor seja capaz de escolher, com um simples toque de uma tecla, entre um candidato que permita a ele ter comida na mesa ou deixá-lo na merda.

Nelson, comprei um carro elétrico, mas só depois percebi que no meu prédio não tem lugar para carregar, e a Convenção não permite que instale, por questões de segurança. Os poucos postos de abastecimento que existem na cidade estão sempre cheios e eu teria que tentar entrar na fila durante a madrugada. O que faço agora?

Nelson - Pegue um arreio, umas cordas e saia puxando o seu carro pelas ruas.